

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS (CCH)
ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA (EB)

CAROLINA CANELAS GOMES

A importância da biblioteca comunitária em comunidades periféricas

Rio de Janeiro – RJ

2016

CAROLINA CANELAS GOMES

A importância da biblioteca comunitária em comunidades periféricas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Faculdade de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito básico para a conclusão do Curso de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof^a. MSc. Daniele Achilles Dutra da Rosa

Rio de Janeiro – RJ

2016

CAROLINA CANELAS GOMES

A importância da biblioteca comunitária em comunidades periféricas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Faculdade de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito básico para a conclusão do Curso de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof. Ms. Daniele Achilles Dutra da Rosa

Aprovada em: __de_____de_____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ma. Daniele Achilles Dutra da Rosa (Orientadora)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Prof. Ma. Stefanie Cavalcante Freire
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Prof. Ms. Marília Amaral
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente aos meus pais por me apoiarem em todos os anos esses de faculdade, nos quais acordávamos todos de madrugada. Por nunca me deixarem desistir e me ajudarem de todas as formas durante os anos.

Gostaria de agradecer também aos meus avós maternos que sempre me ajudaram e me deram apoio ao longo das conquistas desses últimos anos, não importando a distância. À minha avó paterna, minha tia Dete e minha prima Paloma que sempre estiveram dispostas a me receber quando eu precisava passar uma noite mais perto do ponto de ônibus.

A todos os meus tios e tias, primos e primas que sempre buscaram me dar bons conselhos e me mostrar novos caminhos.

Agradeço também a todos os amigos que ao longo do desenvolvimento deste trabalho puderam compreender o porquê de terem me visto poucas vezes, aos que me apoiaram, aos que compartilharam de todo o processo de criação deste trabalho.

Um agradecimento especial ao meu irmão e meu namorado. Um por sempre resolver me chamar para brincar ou gritar com os amigos no Skype logo quando eu resolvia escrever uma parte do trabalho. Mas ainda assim por se interessar pelo projeto à sua maneira e saber esperar para que pudéssemos passar um tempo juntos. E ao outro por compreender minha ausência em certos momentos e por sempre me fazer seguir adiante não importa quão difícil as situações pareciam.

Gostaria de agradecer a todos da minha turma de 2013.1. Mas em especial ao meu singelo grupo de nove pessoas que, com suas diferenças e semelhanças, esteve junto desde os primeiros dias de curso e continuará até depois dos últimos. A todas as nossas aulas, brincadeiras, encontros, aniversários e almoços no Outback que me ensinaram um pouco do que é a convivência e amizade no ambiente acadêmico. A todas as brigas e estresses durante trabalhos e a sempre saber que nada disso importava realmente e que continuávamos amigos acima de tudo.

A todos os professores que me inspiraram e que me ajudaram, mesmo que um pouco, ao longo da minha vida acadêmica, a produzir este trabalho de conclusão de curso.

Agradeço também a minha orientadora, Daniele Achilles, por se mostrar sempre disposta a me ajudar, por me dar bronca nas horas necessárias. Por me mostrar as melhores formas de expressar minhas ideias, sem sua ajuda este trabalho não seria possível.

Um agradecimento a todos que passaram pela minha vida nos últimos anos e me fizeram crescer e evoluir, não importando de que forma.

– Agora tomemos as minorias de nossa civilização, certo? Quanto maior a população mais minorias. [...] Lembre-se, Montag, quanto maior seu mercado, menos você controla a controvérsia! Todas as menores das menores minorias querem ver seus próprios umbigos, bem limpos. [...]. Um livro é uma arma carregada na casa vizinha. Queime-o. Descarregue a arma. Façamos uma brecha no espírito do homem. [...]. Você precisa entender que nossa civilização é tão vasta que não podemos permitir que nossas minorias sejam transtornadas e agitadas. (BRADBURY, Ray. 1953, p.80. Fala de Beatty, chefe dos bombeiros, em *Fahrenheit 451*.)

RESUMO

Estuda a biblioteca comunitária a partir de revisão de literatura. Caracteriza-se como pesquisa descritiva e exploratória porque busca ilustrar a importância de fenômenos analisados no âmbito das bibliotecas comunitárias frente às demandas da sociedade. Apresenta um breve contexto histórico da influência da informação na sociedade moderna e como seu acesso é um direito de todo o cidadão. Destaca a definição, funções, origem da biblioteca comunitária, bem como suas principais diferenças com outros tipos de biblioteca, como a pública. Enfatiza questões relativas às políticas públicas que interferem no desenvolvimento de bibliotecas comunitárias em todo o país, objetivando indicar melhorias e déficits ligados a essas instituições. Expõe o estudo de caso da Biblioteca Comunitária do Engenho do Mato – BEM, que subsidia a pesquisa de caráter qualitativo para demonstrar o que levou a sua criação, seu impacto e sua influência perante a comunidade que atende. E, ainda marca as mudanças que a biblioteca possibilitou para a comunidade. Conclui que no futuro, espera-se que a visão da sociedade em relação às bibliotecas comunitárias se amplie que e bibliotecários, pesquisadores, sociedade e a própria Biblioteconomia enquanto campo do saber dê mais atenção a essa demanda social emergente na atualidade.

Palavras-chave: Biblioteca comunitária. Biblioteca Pública. Acesso à informação.

ABSTRACT

Search to study the community library as a whole, through a literature review and a descriptive and exploratory research seeking to better illustrate the importance of this type of library in Brazilian society. Show a brief historical context of the influence of information in modern society and how access is a right of every citizen. Then it shows the community library highlighting its definition, creation, and their main differences with other types of libraries, and also highlights its importance to the community it serves. It also develops a brief study regarding the public policies of public and community libraries in our country, in order to indicate the improvements and deficits relating to these institutions. Exposes the case of the Biblioteca Comunitária do Engenho do Mato - BEM, one study of case that supports the qualitative research to demonstrate what led to its creation, its impact and influence in the community, as well as the changes that this space has led to the population.

Key words: Community Library. Public Library. Access to information.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BEM	Biblioteca do Engenho do Mato
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BRAPCI	Base de dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
CDD	Classificação Decimal de Dewey
CDU	Classificação Decimal Universal
CI	Ciência da Informação
FBN	Fundação Biblioteca Nacional
Ibeac	Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário
INL	Instituto Nacional do Livro
Minc	Ministério da Cultura
ONGs	Organizações não governamentais
Proler	Programa Nacional de Incentivo à Leitura
RBBC	Rede Brasil de Bibliotecas Comunitárias
SEBP	Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas
SNBP	Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência, e a Cultura
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
1.1	Objetivo Geral	15
1.2	Objetivos Específicos	15
1.3	Justificativa	15
1.4	Referencial Teórico	17
1.5	Procedimentos Metodológicos	17
2	BIBLIOTECA COMUNITÁRIA	19
2.1	O que é uma biblioteca comunitária?	19
2.2	O que diferencia uma biblioteca comunitária dos outros tipos de bibliotecas?	23
2.3	Por quais motivos criamos bibliotecas comunitárias?	29
2.4	Por que a biblioteca comunitária é importante?	35
3	BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS NO BRASIL	43
3.1	Biblioteca comunitária brasileira: um breve histórico	43
3.2	O problema das políticas públicas no Brasil	49
4	A BIBLIOTECA COMUNITÁRIA NA LITERATURA CIENTÍFICA: MAPEAMENTO DA TEMÁTICA NA BRAPCI E NA BDTD	57
5	BIBLIOTECA COMUNITÁRIA DO ENGENHO DO MATO (BEM) – UM ESTUDO DE CASO	72
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
	REFERÊNCIAS	82
	ANEXO 1	88
	ANEXO 2	89

1 INTRODUÇÃO

As bibliotecas comunitárias são formas de dar à comunidade contato com informação e conhecimento que estas não têm disponíveis em suas proximidades. Mas porque, ao introduzir um projeto social em sua comunidade, os voluntários acabam por escolher constituir uma biblioteca comunitária?

Comunidades periféricas normalmente possuem problemas de acesso às bibliotecas públicas e pontos de cultura, além de serem atingidas por problemas com educação pública e pouco acesso ao livro, ou seja, disponibilidade escassa de informação. Ao mesmo tempo em que estas comunidades não possuem acesso, pode-se dizer que vivemos em uma época onde a informação ganha muita importância, principalmente no sentido econômico. É por esse e outros motivos que sempre escutamos a máxima “informação é poder”. A afirmação anterior se baseia no fato de que informação é de interesse de todos, sejam grandes empresas, sejam políticos ou até mesmo países. Todos estão atrás de informação com o intuito de sair na frente de seus concorrentes, com a finalidade de obter vitórias políticas ou descobrir a forma correta de produzir determinado equipamento, por exemplo.

Cada vez mais existem profissionais cujo principal instrumento de trabalho é a informação, profissionais que são remunerados para encontrarem a informação que seus chefes desejam e para mantê-la organizada. Isso configura a importância de que as informações obtidas continuem, às vezes, em sigilo, isto é, proteger dados e informações em banco de dados pode mudar o rumo de pesquisas, produzindo assim novos produtos ou serviços considerados inovadores e que modificam um determinado setor econômico, político ou até mesmo cultural. É o caso das grandes empresas nacionais que possuem suas determinadas intranets, uma página da web privada, que pode ser acessada apenas pelos funcionários de dentro da empresa. Esta página possui documentos e relatórios que somente determinados usuários podem acessar, por exemplo. Mas como a informação se tornou um produto de tamanho valor? E como a biblioteca comunitária passou a ser vista como uma alternativa de disseminar informação diante desse contexto? São esses e outros questionamentos que desejamos refletir nesse trabalho de conclusão de curso. Para isso, optamos por apresentar um breve contexto histórico da crescente importância

informacional e da evolução da biblioteca como depósito de documentos para ambiente de troca de conhecimentos e informações.

No século XX, quando aconteceu a Segunda Guerra mundial, o confronto entre as forças Aliadas e as forças do Eixo desencadeou diversas mudanças nas áreas das ciências e tecnologias. O mundo viveu um fenômeno chamado de “boom informacional”, este ocorreu devido ao avanço das ciências da época por meio de pesquisas, conhecimentos e tecnologias que a Guerra exigiu de cada país. Ao fim desta, a produção acadêmica era enorme e nem mesmo os próprios cientistas davam conta de se manterem atualizados nas diversas áreas do conhecimento. A partir daí a informação se torna uma matéria-prima preciosa, seja no meio empresarial, nacional ou social. Tal cenário contribuiu para que as bibliotecas ganhassem uma importância maior, pois elas eram responsáveis pela disseminação da informação e, conseqüentemente, seu acesso.

A crescente necessidade informacional, tanto por parte dos indivíduos sociais, bem como da própria sociedade, impulsionou a mudança de visão sobre as bibliotecas, isto é, deixaram de ser depósitos de livros, para se tornarem importantes instituições sociais que permitem o acesso à informação relevante às necessidades dos usuários que a frequentam. Com o crescimento do número de publicações, cada vez mais as bibliotecas enfrentavam dificuldades para armazenar o conhecimento produzido. Essa dificuldade possibilitou a criação dos tipos de bibliotecas levando em consideração as características dos usuários e do acervo que satisfaria as necessidades desses usuários. Armazenar o conhecimento produzido foi se tornando uma tarefa mais fácil porque cada tipo de biblioteca começou a ser responsável por um tipo de acervo. Logo, foi possível observar o desenvolvimento de bibliotecas escolares, universitárias, públicas, comunitárias e populares, especializadas, especiais.

Um pouco depois da metade do século XX começam a surgir os primeiros indícios da internet que conhecemos hoje, que também promovem uma abertura maior no que tange ao acesso à informação e pode funcionar como a principal aliada das bibliotecas. Nesta etapa surge um desafio para a biblioteca e o bibliotecário, o documento físico por si só já não é mais satisfatório, é preciso se adequar à nova tecnologia virtual. Já o século XXI é caracterizado pelo maior avanço da internet e

da tecnologia, pela facilidade de estar conectado a todo o momento e também de acesso a qualquer tipo de informação. Surge assim uma nova área de atuação para o profissional da informação, sendo esta a organização e busca de documentos virtuais, e novos tipos de bibliotecas, virtuais e digitais. Aqui é importante citar também que, a produção de informação cresce muito, devido principalmente a facilidade que a internet nos dá em relação a publicar nossas opiniões.

Como foi dito, atualmente a informação é vista como um produto crucial. Apesar dos exemplos mencionados serem de âmbito mundial, não é diferente quando olhamos para a informação no âmbito social de um país. É preciso conhecimento e informação para pequenas e grandes tarefas do dia-a-dia, concursos, provas escolares, prevenção de doenças e cuidados com o corpo, por exemplo. A biblioteca comunitária acaba por se tornar a escolha das comunidades excluídas informacionalmente devido à possibilidade de maior acesso às informações necessárias. Os voluntários enxergam um futuro melhor para uma comunidade informatizada. Ao olharmos para a história da sociedade moderna podemos entender um pouco do porque a importância da informação cresceu nos últimos anos e quais os benefícios de uma sociedade com acesso informacional.

Existem comunidades, não só no Brasil, como no mundo todo em que a informação é um privilégio pouco explorado devido a questões políticas ou de distância, por exemplo. Como apontado por Bastos; Almeida e Romão em seu artigo “Bibliotecas comunitárias: mapeando conceitos e analisando discursos” publicado em 2011, os países em desenvolvimento sofrem com o afastamento entre rico e pobre até na área cultural; os autores apontam para alguns exemplos, sendo eles países como o Nepal, o Quênia e a Nicarágua. Assim como o Brasil, as bibliotecas comunitárias nesses países surgem em áreas periféricas que foram renegadas em questão de acesso à cultura, informação e leitura, além disso, estas acabam por criar um vínculo importante com a comunidade.

Este trabalho de conclusão de curso tratará do caso brasileiro no que tange às questões relativas às bibliotecas comunitárias. Segundo Machado e Vergueiro (2010) o Brasil é um país que ainda não consegue dar acesso à informação e cultura para todo o seu vasto território. Tal fato pode ser observado quando consultamos

alguns documentos como o Anuário de Estatísticas Culturais de 2010¹ disponibilizado pelo Ministério da Cultura, podemos ver que 10% dos municípios brasileiros ainda não possuem uma biblioteca pública. Sendo que, regiões como o Norte e o Centro – Oeste apresentam, respectivamente 215 e 434 bibliotecas públicas enquanto o Sudeste apresenta 1.788. De fato, existem diversos outros fatores que podem provar se estes números são suficientes ou não, mas há de se concordar que são valores desiguais. Assim, é para suprir esse déficit que certas comunidades reúnem alguns voluntários para formar uma biblioteca comunitária em prol das demandas sociais. A pesquisa apresentada por Machado em sua tese de doutorado defendida em 2008, que visava dar um outro olhar às bibliotecas comunitárias ao redor do Brasil, mostra que a região Norte, por exemplo, aparecia com a segunda maior porcentagem de bibliotecas comunitárias, 30,57%. Comparando os dados de Machado em 2008 com os do Minc em 2010, chegamos à conclusão de que a região Norte realmente possui um déficit de bibliotecas públicas e sua população busca diminuí-lo tendo a segunda maior porcentagem de bibliotecas comunitárias. O que, por fim, nos leva a crer que a falta de bibliotecas públicas leva ao aumento de bibliotecas comunitárias por parte da população. Muitas vezes não se trata apenas da falta de bibliotecas públicas, mas de sua má distribuição entre as regiões, como aponta Nogueira:

A própria localização das nossas Bibliotecas Públicas constitui um entrave à sua utilização pela maior parcela da população. Por exemplo, a Biblioteca Pública de Minas Gerais [...] está localizada em bairro classe A, junto aos órgãos centrais do governo estadual, que corresponde a dizer que é ponto que dificulta a frequência da população da periferia, ou seja, a classe menos favorecida. Esse não é um caso isolado [...] (NOGUEIRA, 1983, p. 209)

As Bibliotecas comunitárias não só buscam atender as necessidades informacionais daquele local, cujos direitos foram esquecidos pelo Estado, como também dar a estas pessoas um lugar com a identidade daquele grupo, daquela comunidade. É um direito de todo cidadão ter acesso à informação, mas a partir do momento em que foi esquecida pelo Estado, a comunidade, excluída socialmente busca seus próprios meios de suprir suas necessidades.

¹ Cultura em números: anuário de estatísticas culturais 2010. Brasília: Minc, 2010. Disponível em: <<http://www.marketingcultural.com.br/115/pdf/cultura-em-numeros-2010.pdf>> Acesso em 27 de fevereiro de 2016.

[...] não basta só ter direitos escritos nos documentos oficiais, é preciso ser cidadão de verdade 'ser cidadão/cidadã é conquistar o direito a ter direitos', ou seja, conquistar o direito de satisfazer suas necessidades individuais, sociais, políticas e culturais. (SENAI 2000, p. 13)

A biblioteca pública, mesmo possuindo um acervo muito maior, recursos e melhor organização, não compartilha da identidade da comunidade, não busca atender diretamente o que o morador da comunidade necessita. Estes espaços não buscam ter maior contato com seus usuários, e, muito menos com aqueles menos favorecidos economicamente, socialmente e culturalmente, como veremos mais à frente neste trabalho. É importante levar em consideração que os voluntários que iniciam bibliotecas comunitárias não podem se deixar levar pela ideia de terem iniciado o projeto e se sentirem donos deste. Esta biblioteca não possui um dono como o Estado ou um único indivíduo que tome as decisões. Uma biblioteca deste caráter pertence à comunidade e está ali para servi-la, sendo assim nada melhor do que a presença da comunidade no processo decisório que rege todas as questões que surgem no cotidiano da biblioteca. Esta acaba por ser regida por uma gestão participativa que abrange todos os moradores da comunidade interessados em suas atividades.

A diferença entre bibliotecas públicas e bibliotecas comunitárias está no fato de que as públicas são mantidas e regidas pelo Estado, enquanto que as comunitárias são fruto do envolvimento e união de voluntários da comunidade. Quando não há biblioteca pública, geralmente a comunidade se organiza para criar uma biblioteca comunitária que atenda às suas necessidades e que possa dar condições igualitárias aos indivíduos sociais que possuem maior acesso à informação, não só por meio de bibliotecas públicas, mas também através de outros tipos de bibliotecas.

Podemos supor que a falta de interesse do Estado nessas áreas periféricas, onde surgem a maioria das bibliotecas comunitárias, levam ao surgimento de certos "escuros" informacionais. Uma comunidade deixada neste tipo de "escuro" foi esquecida por seu governo, não se preocupa ou não pode fazer nada em relação aos acontecimentos ao seu redor devido à falta de conhecimento. Ao sair desta condição, seja com a ajuda de si mesma ou com ajuda externa, a comunidade passa a compreender melhor o meio social no qual está inserida e a agir ativamente em

relação a este. O tipo de condição apresentada ocorre por uma questão de manter as minorias à par de seus direitos na sociedade ou, simplesmente, por falta de recursos. O Estado, atualmente, não dá conta da estrutura ideal para bibliotecas públicas e, acaba por ignorar a existência das bibliotecas comunitárias. Com isso, percebemos que ocorre um certo descaso com bibliotecas que servem de base para a formação do indivíduo social.

As bibliotecas comunitárias não possuem muito espaço no meio acadêmico ou governamental, o que torna mais complicada a sua manutenção e atualização de seus serviços e acervos. Como é possível ver nas políticas públicas em relação a bibliotecas, e como Machado (2008) aponta, a biblioteca comunitária apenas foi citada em 2007 e mesmo assim não foi em uma política que se referisse apenas a este tipo de biblioteca. Ao mesmo passo que as políticas públicas de bibliotecas públicas não são satisfatórias, como também veremos neste trabalho, o descaso pode ser notado em diversas esferas, um exemplo são as recentes notícias que são publicadas. Ainda em 2015, foi publicado nos principais meios de comunicação a demissão de toda a mão de obra estagiária da Biblioteca Nacional e, logo em seguida, assistimos ao fechamento das bibliotecas pertencentes à rede pública, como o caso das Bibliotecas Parque, que atualmente funcionam em horários reduzidos pela falta de recursos financeiros, materiais e humanos. Tudo isso devido à falta de verba do Estado em relação à área da cultura em nível nacional, estadual e municipal.

Assim, foi a partir das questões que envolvem a falta de bibliotecas que de fato atendem as comunidades, que meu interesse por essa temática surgiu. As disciplinas cursadas no curso de bacharelado em biblioteconomia me fizeram perceber também que se fala muito pouco sobre as bibliotecas comunitárias e meu objetivo aqui será contribuir para a criação de novos olhares para esse tipo de biblioteca.

O problema que será tratado neste trabalho é a falta de presença do Estado no que diz respeito a prover sua população como um todo com cultura, informação, leitura e conhecimento e como a biblioteca comunitária pode aparecer como uma resolução deste problema para as camadas mais periféricas.

1.1 Objetivo Geral

O objetivo geral deste trabalho de conclusão de curso é abordar a importância da biblioteca comunitária em áreas periféricas, mais especificamente no Brasil, e a sua relevância para as comunidades, levando em conta o cenário informacional vivido na atualidade, marcado pela democratização do acesso à informação.

1.2 Objetivos Específicos

Para cumprir com o objetivo geral foi necessário traçar alguns objetivos específicos para este trabalho de conclusão de curso. São eles:

- Definir bibliotecas comunitárias;
- Diferenciar a biblioteca comunitária dos demais tipos de bibliotecas;
- Identificar os motivos que levam à criação de bibliotecas comunitárias;
- Analisar genericamente a situação das bibliotecas comunitárias brasileiras;
- Indicar a falta de cobertura para as bibliotecas comunitárias dentro das políticas públicas de incentivo à cultura no Brasil.
- Mapear a literatura científica publicada na BRAPCI e na BDTD.

1.3. Justificativa

Definida como uma biblioteca pública não gerida pelo Estado, mas sim por membros de uma comunidade e que provê serviços e produtos para uma comunidade específica (CUNHA; CAVALCANTE, 2008, p. 49), as bibliotecas comunitárias ganharam um sentido e importância principalmente em lugares que não possuem bibliotecas públicas. Diante do cenário atual, em que a informação

parece acessível a todos e integradora, ela também separa aqueles que possuem pouco acesso e são excluídos desta realidade informacional. Sendo assim, optou-se por estudar as bibliotecas comunitárias a partir do conhecimento da realidade da Biblioteca do Engenho do Mato – BEM, criada por um grupo de voluntários que tem por objetivo auxiliar a comunidade no acesso à informação e cultura, bem como no interesse pela leitura e crescimento social.

A Biblioteca do Engenho do Mato foi criada a partir da vontade dos voluntários, bem como da comunidade de terem acesso a livros, a leitura, a cultura e a informação. Devido à falta de bibliotecas públicas próximas a comunidade, a carência de bibliotecas escolares nas imediações, membros da comunidade se uniram e conseguiram um espaço para a biblioteca no prédio anexo do CIEP Ruy Frazão Soares. Vale ressaltar que a biblioteca não pertence ao colégio, apenas o espaço foi cedido à comunidade para a construção da biblioteca comunitária. Esse dado pode ser extraído a partir de relatos de alunos. Foi possível também descobrir que a biblioteca da escola raramente se encontra aberta. Sendo assim, pudemos constatar que os livros ficam indisponíveis para os alunos e membros da comunidade. Essa situação reflete a realidade e as dificuldades que a BEM, enquanto biblioteca comunitária, vem passando para se estabelecer.

A área de biblioteconomia comunitária não é foco de vastos estudos e, ainda, é vista, muitas vezes, com descaso tanto por parte dos profissionais, quanto por parte da academia. Tal fato se comprova pela pouca incidência de pesquisas e publicações referentes a esse campo. Em uma pesquisa feita de 12 a 15 de maio de 2011 os autores Bastos; Almeida e Romão buscaram saber a quantidade de artigos publicados em periódicos nacionais da área de CI sobre bibliotecas públicas, comunitárias, escolares e universitárias. O resultado mostrou uma disparidade enorme, enquanto as bibliotecas universitárias possuíam 40 artigos, as comunitárias possuíam apenas 08 no período. São poucos os casos de bibliotecas deste tipo em que há um bibliotecário por trás do projeto, ou até mesmo um bibliotecário que simpatize e ajude o seu desenvolvimento.

Levando em conta essas considerações, neste trabalho foram usados os poucos autores brasileiros da área de biblioteconomia que escreveram sobre o assunto sendo alguns deles: Elisa Campos Machado, Waldomiro Vergueiro, Geraldo

Moreira Prado, Oswaldo Francisco de Almeida Júnior, dentre outros. Com isso, faz-se necessário ainda, um apelo, para que nós não nos esqueçamos da importância de dar acesso à informação a essas comunidades, objetivando seu empoderamento social, cultural, econômico, políticos e informacional. Uma biblioteca comunitária, que nasce por meios diferenciados não se faz menos necessitada de nossa ajuda, apenas nos mostra o quanto a informação é imprescindível e o quanto esse acesso pode transformar a realidade dos indivíduos sociais.

1.4 Referencial Teórico

Para compor as investigações próprias dessa pesquisa escolhemos trabalhar com o referencial teórico avaliando as categorias que serão analisadas neste trabalho de conclusão de curso. São elas: biblioteca comunitária; biblioteca pública, acesso à informação, empoderamento e políticas públicas. Sendo assim, foram selecionados artigos e livros da área de Biblioteconomia, especialmente de biblioteconomia comunitária e pública que podem auxiliar na compreensão das questões relativas à essa temática, bem como auxiliar no desenvolvimento desse trabalho.

1.5 Procedimentos Metodológicos

Os procedimentos metodológicos podem ser traduzidos como os métodos utilizados para que o pesquisador possa dar conta de sua investigação. Assim, a opção deste trabalho de conclusão de curso foi a de construir ideias e reflexões com a finalidade de contribuir para a construção de novas possibilidades do corpus teórico no campo da Biblioteconomia Comunitária.

Essa pesquisa se define como qualitativa porque busca a compreensão de significados relativo ao universo das bibliotecas comunitárias na atualidade. Para dar

conta do objetivo proposto para essa pesquisa os procedimentos metodológicos dividiram-se em:

- Identificação das categorias conceito já mencionadas, foram utilizados como operadores booleanos para a busca na BRAPCI e na BDTD o termo “biblioteca comunitária”;
- Levantamento bibliográfico sobre a área em questão;
- Consulta na Base de Dados Referencial de Artigos e Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI);
- Consulta na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD);
- Consulta na Base Sophia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO);
- Consulta da Base Minerva da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ);
- Revisão de literatura;
- Conhecimento do campo – visita a BEM.

2 BIBLIOTECA COMUNITÁRIA

Esta seção trata da discussão acerca do conceito de biblioteca comunitária, o que a caracteriza, sua função e as suas principais diferenças em relação aos outros tipos de biblioteca. Veremos ainda qual a importância dessas bibliotecas para a comunidade a qual pertence.

2.1 O que é uma biblioteca comunitária?

Para conceituar biblioteca comunitária, é necessário primeiro saber o que se entende por comunidade. Em seu artigo, Machado (2009) conceitua comunidade como sendo um grupo formado por um número reduzido de indivíduos que partilham de um lugar e tem interesses em comum. O dicionário Michaelis [2016] define comunidade como:

3 Sociol Agremiação de indivíduos que vivem em comum ou têm os mesmos interesses e ideais políticos, religiosos etc.**4** Lugar onde residem esses indivíduos. **5** Comuna. **6** Totalidade dos cidadãos de um país, o Estado. (MICHAELIS – Moderno dicionário da língua portuguesa online) ²

Uma comunidade não precisa ser necessariamente um grupo de pessoas que reside na mesma área, pode também ser um grupo que se encontra em determinado local frequentemente para compartilhar seus interesses em comum. Especificamente no caso das bibliotecas comunitárias, por outro lado, a comunidade reside sim na mesma área.

Para nós, biblioteca comunitária se trata de um espaço de cultura, lazer, leitura e informação vinculado única e exclusivamente a sua comunidade. Um espaço que oferece atividades culturais e conhecimento a uma área desfavorecida e que, devido a isso, surge da necessidade da sua população. Seu acervo e atividades são escolhidos tendo em vista as necessidades daquela comunidade e suas decisões são fruto da gestão participativa de todos os moradores interessados.

² Disponível em: < <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=comunidade> > Acesso em 27 de fev. de 2016.

Machado (2008) também cita outras características que compõem uma comunidade, entre elas a sensação de pertencimento, comunhão e responsabilidade individual e coletiva. A autora continua afirmando que, mais do que o espaço em comum, os indivíduos também estão ligados por sua história, experiência e conhecimentos compartilhados.

Conceituamos biblioteca comunitária anteriormente como um tipo de biblioteca presente em localidades periféricas e excluídas dos grandes centros. Porém, Machado (2008) aponta que estas também podem estar presentes em áreas periféricas de grandes centros urbanos. Complementando, Prado e Machado (2008, p.4) declaram que:

Elas “brotam” do coração das comunidades periféricas das zonas rurais e das zonas urbanas do país, num movimento engajado de grupos organizados ou de indivíduos. Grupos ou indivíduos esses que reúnem esforços no sentido de abrir espaço público para ampliar o acesso à informação, à documentação, à leitura, ao livro, ao conhecimento e ao debate sociocultural sobre a potencialidade dessa categoria de biblioteca na condição de espaços complementares para educação.

A partir de Prado e Machado (2008), podemos afirmar que a principal característica das bibliotecas comunitárias não é onde se localizam, visto que podem estar tanto em áreas urbanas quanto rurais. Entendemos suas principais características como sendo a falta de dependência do Estado e a conexão que esta apresenta com a sua comunidade. Como já foi dito, este tipo de biblioteca existe unicamente para a sua comunidade e é moldada de acordo com esta.

Ainda segundo Prado (2010) se ocorre de ser uma biblioteca fechada, pertencente a um único indivíduo ela perde o seu intuito de servir a comunidade e passa a ser uma biblioteca privada que atende apenas ao interesse deste indivíduo. Dito isso, podemos visualizar a sensação de pertencimento da comunidade em relação a sua biblioteca, sensação esta que a biblioteca pública deveria transmitir aos seus usuários também.

Prado (2010) também afirma que a biblioteca comunitária traz mais do que uma sensação de pertencimento para a comunidade, ela acaba se tornando um “território de memória que se compromete com a inclusão/integração social na

sociedade da informação [...]”. Prado e Machado (2008 p.5) definem a biblioteca comunitária como território de memória mais especificamente como:

[...] a biblioteca comunitária como território de memória, atua como sujeito ativo da ação e está sempre participando em todos os níveis na atuação da instituição. E a biblioteca comunitária como sujeito ativo amplia o conceito clássico de lugar de memória que Pierre Nora (1993, p. 12) define como “uma unidade significativa, de ordem material ou ideal, da qual à vontade dos homens ou o trabalho do tempo fez um elemento simbólico do patrimônio da memória de uma comunidade qualquer”.

Ou seja, entendemos que é um espaço onde aqueles que não possuem a informação e cultura que o Estado deveria lhes fornecer acabam por ter a oportunidade de correr atrás dessa inclusão por seus próprios meios. Mais do que correr atrás da inclusão informacional, o indivíduo acaba por fazer parte de todo o processo de acesso à informação, visto que participa ativamente da biblioteca.

A missão das bibliotecas comunitárias gira em torno do estímulo à leitura; redução das desigualdades de acesso à informação; disponibilização de recursos de informação e meios de comunicação de qualidade; contribuição para a formação cidadã de crianças, jovens e adultos. (GUEDES, 2011, p.3)

A missão da biblioteca comunitária proposta por Guedes (2011) segue a ideia proposta neste trabalho, como já foi apontado anteriormente. É importante frisar a parte da formação cidadã. As comunidades periféricas, normalmente, não estão conscientes de seus deveres e direitos como cidadãos, tendo a biblioteca como um meio de se informar sobre isso, e mais, tendo a biblioteca como algo seu, algo para proteger e para melhorar os indivíduos se tornam conscientes de como podem agir para tal. A partir do momento em que percebem que acesso a informação, leitura e conhecimento é um direito deles, já passam a compreender um pouco do que significa ser um cidadão.

Outra forma de ver as bibliotecas comunitárias, apontada por Machado e Vergueiro (2010), é como um empreendimento social que a própria comunidade mantém, a biblioteca vive de doações feitas por esta comunidade e pelas localidades próximas, raramente possui um profissional bibliotecário e possui sua hierarquia entre os voluntários fraca ou flexível. Os autores apontam ainda que, por viver de doações, aqueles que gerenciam a biblioteca devem estar atentos ao que irão disponibilizar para suas comunidades, ainda mais porque essas bibliotecas

normalmente não contam com políticas de desenvolvimento de coleções. Machado (2008) chama a atenção para as necessidades do tipo de usuário e para os critérios de qualidade que deverão ser adotados no acervo da biblioteca.

Ainda aproveitando este espaço para falar do acervo, Guedes (2011), aponta este como multidisciplinar e com tipologia de documentos muito diferentes. O acervo, segundo o autor, acaba por ser organizado de forma intuitiva ou improvisada. Entendemos a afirmação de Guedes (2011) como algo compreensível devido ao fato de que raramente há um profissional da área para orientar as atividades desempenhadas na biblioteca. Por exemplo, organizar este tipo de biblioteca por um código de classificação, seja CDD ou CDU, apenas traria confusão, não só para as pessoas que iriam organizar, visto que estes não possuem conhecimento dos sistemas, como também para os usuários que se sentiriam perdidos, uma vez que esses códigos não fazem parte da realidade deles.

Da mesma forma que, organizar de forma intuitiva levaria a um constante questionamento de onde exatamente uma nova aquisição deveria ser inserida, ou até mesmo poderia levar a perda de determinado livro devido à falta de organização. Aconselhamos que o mais adequado seria uma separação por assuntos superficiais e uma organização nas estantes por localização fixa³, o que tornaria o processo de busca mais fácil e simples para o usuário.

Por fim, para concluir a subseção, comunidade pode ser definida como um grupo de pessoas que, dividem ou não o mesmo ambiente habitacional, e possuem algum interesse ou objetivo em comum como foi apresentado por Machado (2009) e o dicionário Michaelis [2016]. No caso da biblioteca comunitária os objetivos em comum seriam levar até a comunidade mais conhecimento e informação, além de cultura e formar o indivíduo como cidadão. Este tipo de biblioteca está presente, como foi visto, em áreas periféricas e busca suprir a falta de cultura, conhecimento e informação nestes lugares. Para os usuários, a biblioteca é um espaço que vai além da leitura pois possui a identidade da comunidade e foi criada pela e para esta comunidade. Dessa forma, a biblioteca comunitária porta-se como um espaço de

³ Localização fixa no sentido de, além da organização por assuntos superficiais (por exemplo, religião, psicologia...), localizar os livros também pelo seu local na estante. Sendo o primeiro livro da estante tendo a localização 01,01,01 (primeiro livro da primeira prateleira da primeira estante).

aceitação e interação social, oferecendo atividades de lazer como música ou aulas de capoeira, dentre outras, por exemplo.

Para caracterizar melhor a biblioteca comunitária é importante que se faça uma diferenciação dela em relação aos outros tipos de biblioteca, principalmente com a biblioteca pública, visto que as duas são constantemente confundidas. Este tópico será mais aprofundado na próxima subseção.

2.2 O que diferencia uma biblioteca comunitária dos outros tipos de bibliotecas?

Depois de descrever as principais características de uma biblioteca comunitária, sua missão e como elas surgem, vamos entender agora um pouco da diferença entre biblioteca comunitária e os outros tipos mais conhecidos de biblioteca. Nesta subseção nos baseamos nas opiniões de diversos autores da área com o intuito de clarificar as diferenças e evitar equívocos.

Um dos autores estudados é Almeida Júnior (1997), este aponta que a biblioteca comunitária é citada pela primeira vez no Brasil em um artigo de Carminda Nogueira de Castro Ferreira em 1978 ao se referir à esta como resultado da integração da biblioteca pública com a biblioteca escolar. Desde então, a definição do termo “biblioteca comunitária” vem sendo discutida por aqueles que escrevem sobre o assunto. Com a afirmação de Almeida Júnior (1997) podemos perceber que a diferenciação de biblioteca comunitária é um assunto tratado há muito tempo, mas infelizmente, ainda não totalmente esclarecido. As mais difíceis diferenciações estão entre biblioteca comunitária e biblioteca popular ou pública.

Sobre essa diferença Prado e Machado (2008) afirmam em seu artigo que tanto na área acadêmica quanto na área social o termo biblioteca comunitária vem sendo empregado como sinônimo de biblioteca pública e de biblioteca popular. Esta confusão tem diversas justificativas, entre elas está a abordada por Almeida Júnior (1997) em seu livro “Bibliotecas públicas e bibliotecas alternativas”, de que uma biblioteca pública com a nomenclatura de biblioteca comunitária está mais acessível

e mais próxima de sua comunidade como um todo sem que seus serviços sejam alterados, segundo Almeida Júnior (1997).

O autor ainda pondera que as bibliotecas públicas e comunitárias pouco diferenciam na prática, visto que ambas apresentam normalmente os mesmos serviços e ambas pecam, na opinião do autor, no que diz respeito a atender sua função informacional.

[...] pode-se definir biblioteca comunitária como a biblioteca pública tradicional, já que a função informacional é relegada, atuando junto a uma comunidade restrita, limitada por uma determinada área geográfica (ALMEIDA JÚNIOR, 1997, p. 97).

Nesta citação Almeida Júnior (1997) coloca biblioteca comunitária e biblioteca pública como iguais, o que vai contra nosso entendimento, visto que cada uma dessas bibliotecas apresenta características e peculiaridades que as diferem em várias formas. É importante destacar que a biblioteca pública é mantida exclusivamente pelo Estado e criada por meio de uma lei estabelecida, embora haja uma falta de comprometimento com a sua função informacional. Esse mesmo problema é enfrentado pela biblioteca comunitária, isso porque contam também com a falta de profissionais especializados e preparados para trabalhar com as atividades bibliotecárias. No caso da biblioteca pública Machado (2008) sugere que isso ocorre porque a atuação desta estaria voltada muito mais aos projetos culturais do que ao tratamento e organização da informação que seriam de suma importância em qualquer outro tipo de biblioteca.

Sendo assim, concluímos que ambas as bibliotecas estão em falta no que diz respeito às suas obrigações informacionais, e ambas ainda não estariam atendendo totalmente à sua função para com a comunidade. Por outro lado, Almeida Júnior (1997, p.107) nem ao menos considera a biblioteca comunitária como um tipo de biblioteca específico, ele a vê como uma proposta de atuação da biblioteca pública.

O adjetivo comunitário estaria sendo empregado com o intuito de destacar essa proposta de outras tantas existentes, tornando-a mais atraente, inclusive para a sociedade que, em função dessa nova designação, pode imaginá-la tratando-se de uma instituição diferente da biblioteca pública sobre a qual já possui um estereótipo formado. Assim a biblioteca comunitária passaria para a sociedade, por uma nova entidade, não carregando preconceitos e ideias preconcebidas que prejudicariam sua atuação

A questão da nomenclatura pode realmente mudar a forma como enxergamos uma biblioteca, principalmente se levarmos em conta a questão da conexão que a biblioteca comunitária tem com a sua comunidade. Mas não é simplesmente a nomenclatura que ilustra isso, e sim a real atuação dessas instituições frente às demandas da população. Uma biblioteca que se diz comunitária pode muito bem ser gerida por uma única pessoa que não dê a ela este caráter acolhedor que lhe deveria ser característico. Aqui tendemos a concordar com a opinião de Machado (2008, p.61), visto que ela aponta para essa importante ligação entre biblioteca-comunidade, não como uma questão da nomenclatura, mas sim característica do espaço.

[...] consideramos que a biblioteca comunitária, como se apresenta hoje na sociedade brasileira, pode ser considerada outro tipo de biblioteca pois vem sendo criada seguindo os princípios da autonomia, da flexibilidade, e da articulação local, o que amplia as possibilidades de atuação e inserção na sociedade. Outro fator que nos leva a considerá-la diferente é pela forma de atuação estar muito mais ligada à ação cultural do que aos serviços de organização e tratamento da informação

Vale lembrar que Machado (2008) assinala também para a falta de comprometimento com a organização e a função informacional propostos por Almeida Júnior (1997) anteriormente. Um tópico que, como foi possível enxergar, merece atenção e que deveria ser revisto pelas bibliotecas públicas e ensinado às bibliotecas comunitárias.

Mesmo com a diferença no que diz respeito ao trato da comunidade, ainda assim, o ponto mais importante que diferencia biblioteca comunitária e biblioteca pública é a questão da verba e como ambas se mantêm. Enquanto a biblioteca pública é criada e mantida pelo Estado a biblioteca comunitária é criada e mantida pela sua própria comunidade, vive de doações e de voluntários. Segundo Machado (2009, p. 85), as bibliotecas públicas:

[...] são espaços públicos. No Brasil são criadas por leis estaduais e municipais e possuem vínculo direto com um órgão governamental, estado, município ou federação, os quais respondem por sua manutenção por meio de recursos humanos, financeiros e materiais. Atendem as demandas da população que reside ou frequenta a região em que está localizada. São criadas para atender as necessidades informacionais de uma ou mais comunidades, ou seja,

seu público é heterogêneo, o que significa que pode trabalhar com várias comunidades discursivas [...] (MACHADO, 2009, p.85)

Machado (2008), ainda afirma que a biblioteca pública acaba por se isolar de sua própria comunidade devido a sua visão mais distante e rígida em relação à população. Entendemos que isso se dá em parte devido ao bibliotecário que, ao invés de dialogar com a sua comunidade, questionar, trazê-lo para dentro da biblioteca e fazer com que este se sinta parte daquele espaço que também lhe pertence, acaba por não conhecer a sua comunidade e não estudar suas necessidades informacionais.

Isso acontece, principalmente porque as bibliotecas públicas se mantem por meio dos interesses do Estado e da classe dominante, como nos mostra a história de nosso país. O que a faz com que estas instituições reproduzam os interesses dessas classes. Por outro lado, conforme apontado pela UNESCO (1994) a biblioteca pública é uma instituição democrática de educação, cultura e informação, que deve atender em igualdade qualquer leitor, independente de classe social, raça, religião.... Sendo assim, pode-se dizer que os interesses atendidos deveriam ser os da comunidade, não os do Estado. Segundo Almeida Júnior (1997, p. 23) a biblioteca pública:

“[...] preserva e reproduz as condições sociais que mantém determinadas classes sociais no poder [...] a biblioteca pública [...] manteve-se [...] ao lado dos interesses das classes dominantes”.

Conforme Machado (2008) a biblioteca comunitária busca exatamente o oposto, busca ser um espaço de acolhimento e convivência, com a identidade da comunidade em que está inserida. Como já foi dito, busca ter uma ligação mais completa com a comunidade que a rodeia. Ainda segundo a autora, é a carência na área de bibliotecas escolares e a falta de atenção da biblioteca pública em relação a sua comunidade que acabam por levar a população a buscar informação por outros caminhos.

É dessa problemática que surge a biblioteca comunitária. A falta de uma biblioteca escolar adequada e uma biblioteca pública voltada para apenas uma porção da população com maior poder aquisitivo e acabam por juntas levar ao nascimento de uma biblioteca comunitária. O usuário quer entrar em um lugar no qual seja bem-vindo e bem recebido independente do seu poder aquisitivo, suas

roupas ou sua cultura. Poderíamos dizer que o usuário busca um lugar popular, no que diz respeito à definição de pertencer ao povo.

O que nos traz de volta à diferenciação entre biblioteca popular e biblioteca comunitária. Está é a mais difícil e demanda um espaço especial visto que suas definições praticamente se assemelham. Conforme Badke, autora de um dos primeiros relatos brasileiros sobre bibliotecas comunitárias, a biblioteca popular se caracteriza por “o que é feito pelo povo e para o povo, compreendendo por isso sua efetiva participação” (BADKE, 1984, p.18). A autora define biblioteca popular ainda por:

[...] surgir da vontade, necessidade e trabalho de uma comunidade; ela emerge do esforço de pessoas que lutam juntas, tendo como principal objetivo realizar um trabalho baseado na proposta de transformar a realidade vigente. Estas bibliotecas, normalmente aparecem em bairros onde vivem pessoas de uma classe social menos favorecida, com experiências de lutas sociais [...] (BADKE, 1984, p.18)

A definição de Badke (1984) para biblioteca popular encaixa perfeitamente na definição de biblioteca comunitária da grande maioria dos autores e, na defendida neste trabalho. Essa similitude nas definições ainda provoca mais dúvidas de nomeação. Quando nos baseamos na definição de Badke (1984) não se poderia diferenciar biblioteca comunitária e biblioteca popular. Porém, para Machado (2009, p.85) biblioteca popular acaba por ter outra definição:

Alguns estados e municípios brasileiros, com o objetivo de aproximar as bibliotecas públicas de suas comunidades, passaram a denominá-las como bibliotecas populares, é o caso, por exemplo, dos municípios do Rio de Janeiro e de Niterói. Nesses casos, ao substituir pública por popular, parece-nos que o estado espera, com isso, fazer com que o imaginário da sociedade capture esse termo e o incorpore ao espaço público da biblioteca como uma qualidade de experiências sociais, políticas e culturais. No entanto, essas bibliotecas continuaram as mesmas [...]. Nesse sentido poderíamos concluir que essas mudanças são resultado de uma ação populista e não genuinamente popular [...]

A questão da nomenclatura aqui levantada por Machado (2009) se assemelha muito à questão levantada por Almeida Júnior sobre a nomenclatura de biblioteca comunitária em relação a biblioteca pública. A grande diferença aqui é que se seguirmos a temática de Badke (1984) veremos que a biblioteca popular é também

feita pelo povo, logo sem ajuda do Estado. A definição de biblioteca popular da autora se assemelha tanto à definição de biblioteca comunitária que se fossemos levá-la ao pé da letra não haveria diferenciação.

Na opinião de Machado (2009) o termo popular no âmbito da biblioteca é mais uma outra ideia de biblioteca pública do que realmente de biblioteca comunitária. A autora destaca ainda o texto de Gilda Verri (1996) sobre bibliotecas populares em Recife no ano de 1996; Verri diz que a criação de bibliotecas populares foi um projeto político das elites brasileiras vinculado à concepção da Educação Popular da década de 20.

Aqui podemos pôr fim à semelhança de biblioteca popular e comunitária completamente. A informação apresentada por Verri (1996) aponta para a ligação entre as elites e as bibliotecas populares, visto então que estas não eram feitas exclusivamente para o povo necessitado e sim para aqueles de uma classe mais alta. Sendo assim, podemos concluir que estas bibliotecas visavam os interesses de apenas uma parte privilegiada da população, e não a comunidade como um todo. O que vai contra a definição de biblioteca comunitária aqui proposta.

Compreendemos aqui as opiniões de Almeida Júnior (1997) e Badke (1984) referentes a bibliotecas comunitárias. Porém neste trabalho entendemos biblioteca comunitária como um tipo específico e diferente de biblioteca, concordamos com as diferenças propostas por Machado (2009, p.89), sendo estas:

1. a forma de constituição: são bibliotecas criadas efetivamente pela e não para a comunidade, como resultado de uma ação cultural.
2. a perspectiva comum do grupo em torno do combate à exclusão informacional como forma de luta pela igualdade e justiça social.
3. o processo participativo gerando articulação local e forte vínculo com a comunidade.
4. a referência espacial: estão, em geral, localizadas em regiões periféricas.
5. o fato de não serem instituições governamentais, ou com vinculação direta aos Municípios, Estados ou Federação.

Assim, para nós a biblioteca comunitária é um espaço desenvolvido por um ou mais voluntários da própria comunidade que tem por objetivo principal dar acesso ao livro, à cultura e à informação além de incentivo à leitura, não possui auxílio do Estado e surge normalmente em regiões periféricas urbanas ou rurais, mas excluídas socialmente. Esse espaço pode ser uma casa ou um prédio antigo, mas tem uma conexão direta com a sua comunidade, visto que esta participa ativamente do desenvolvimento da biblioteca e a biblioteca participa da vida da comunidade.

No entanto compreensível também a confusão no que se refere à nomenclatura dada a essas bibliotecas, bem como a discussão acerca do termo mais apropriado, principalmente no meio social que acaba por receber estas definições por via da mídia e estas nem sempre estão corretas. Desse modo, é melhor nos basear nas definições atribuídas por pesquisadores do meio acadêmico, visto que eles tentam produzir a definição exata destes tipos de bibliotecas devido ao número cada vez maior de bibliotecas comunitárias, principalmente no Brasil.

2.3 Por quais motivos criamos bibliotecas comunitárias?

Podemos dizer que a biblioteca comunitária é considerada um grito de uma comunidade por seu lugar na sociedade cultural e informacional. Visto que essa é, como vimos anteriormente, excluída. Nesse sentido, a comunidade busca uma forma de suprir essas carências, e é dessa vontade que surgem as bibliotecas comunitárias. Podemos dizer que, inicialmente, este tipo de espaço surge com o intuito de levar informação e cultura, mas acaba por se tornar também um espaço de união e convivência da comunidade.

Alguns dos motivos mais específicos para a criação deste tipo de biblioteca já foram tratados na subseção anterior que destaca as diferenças entre bibliotecas comunitárias e os outros tipos de bibliotecas. Machado e Vergueiro (2010, p.146) apontam um desses motivos:

[...] foi possível identificar o motivo principal para a criação desses espaços: a dificuldade de acesso ao livro e à leitura, ou seja, a carência de espaços públicos para esse fim – bibliotecas públicas e

escolares. Apesar de o motivo desencadeador ser o mesmo, a forma como surge cada uma das bibliotecas e o seu estabelecimento na comunidade seguem caminhos diferentes. [...]

O Estado falha com a comunidade que, reúne forças para sair da sua situação atual de exclusão. É visível a falta de estrutura e a carência das bibliotecas públicas e escolares do nosso país, um exemplo é o fechamento temporário das Bibliotecas Parque por falta de verba. Não só no Rio, outros estados também sofrem com o descaso para com suas bibliotecas. É o caso da Biblioteca Pública de Codó, no Maranhão. Segundo usuários o acervo é desatualizado e já se encontra deteriorado em sua grande parte, além disso os computadores também são antigos e já não funcionam de forma satisfatória⁴.

Machado (2008) enfatiza também que, sendo o acesso à informação, a leitura e ao livro um direito do cidadão, pode-se concluir que, ao deixar as bibliotecas públicas e escolares largadas ao descaso e deixar que as bibliotecas comunitárias sejam auxiliadas por empresas privadas o Estado não está cumprindo com seu dever. Quanto às bibliotecas públicas, Machado e Vergueiro (2010, p. 249) declaram que:

No caso das bibliotecas públicas, a questão se torna especialmente delicada. Sem a prática de frequentar essas instituições, a maior parte da população as vê como direcionadas apenas para o público estudantil ou àqueles especialmente abençoados com o gosto pela leitura. E as bibliotecas, por sua vez, de uma maneira geral desprovidas de recursos financeiros, materiais e humanos para realização de atividades que possam colaborar efetivamente para a mudança desse panorama, pouco mais fazem que divulgar as benesses do livro impresso [...]. As poucas bibliotecas públicas que vão muito além disso representam exceções no grande mar de acomodação que domina o ambiente dessas instituições, cercadas por práticas burocráticas e burocratizantes e afastadas das reais necessidades da população brasileira. Pode-se imaginar, assim, que o avanço das bibliotecas comunitárias ocorre em espaço não preenchido pelas bibliotecas públicas.

Ou seja, é necessário que a biblioteca pública atue de forma ativa e direta para mudar esse pensamento cada vez mais enraizado na sociedade. Não é certo que a população a veja como um ambiente acomodado ao currículo escolar ou à uma biblioteca como vista em filmes antigos onde nada se faz além de silêncio. Deve-se mudar a organização desta instituição, adequá-la aos novos tempos dando

⁴ Disponível em: <<http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2016/03/usuarios-reclamam-de-deterioracao-em-bibliotecas-publicas-de-codo-ma.html>>. Acesso em 13 de mar. de 2016.

maior atenção a comunidade que a cerca. Não só organizar a instituição em si, mas também os bibliotecários que estão por trás desta. O bibliotecário deve agir em harmonia com a comunidade que cerca sua biblioteca, deve dar espaço e voz a essa comunidade, além de apresentar atividades que atinjam outras pessoas além de estudantes e aqueles com gosto pela leitura. É aconselhável, inclusive, que a biblioteca pública imite a biblioteca comunitária nesse sentido de causar a sensação de pertencimento, apenas assim o usuário se sentirá mais confortável nesse espaço.

Outro motivo que leva a população a formar sua própria biblioteca é que os acervos de bibliotecas públicas acabaram por tomar o rumo do currículo escolar, ou seja, estão voltados para o aprendizado escolar, como aponta a citação de Machado e Vergueiro (2010) acima. Conforme aborda Milanesi (2002 apud MACHADO, 2008, p. 47):

[...] a ideia da informação pública [e seguiram] o trajeto rumo aos currículos escolares e, por isso, entre outros motivos, deixaram de lado a população [...]. Com isso, o que seria público transformou-se em escolar. O público ficou com o rádio e a televisão como fontes de informação [...]

Ou seja, o que deveria ser voltado para a comunidade acaba por se voltar para a escola. A colocação de Milanesi (2002) também não pode ser levada em conta como um erro das bibliotecas públicas, visto que as condições das bibliotecas escolares não são muito melhores. Boa parte das bibliotecas escolares não contam com profissionais especializados e pouco atendem às necessidades dos alunos. A falta de bibliotecários em bibliotecas escolares é muito comum, o que acontece é que algum professor acaba por ser realocado na biblioteca sem ter o menor conhecimento da área. Um exemplo são os alunos de biblioteconomia do Ceará que se uniram em um ato contra a realocação de professores em bibliotecas escolares. Aparentemente, o vereador da cidade propunha realocar estes professores para poder reabrir as bibliotecas escolares, ao invés de contratar novos bibliotecários⁵.

Porém, podemos concluir, baseado nas afirmações de Milanesi (2002) e Machado (2008), que de fato os acervos de bibliotecas públicas vêm se voltando cada vez mais para o âmbito escolar do que para as necessidades da comunidade

⁵ Disponível em: <<http://biblioo.info/a-favor-das-bibliotecas-escolares/>> Acesso em 13 de março de 2016.

como um todo. Mas podemos concluir que isto se dá pelo fato de termos bibliotecas escolares que também estão em falta com seus usuários.

Normalmente, os voluntários que participam destes projetos buscam interferir na realidade cultural que foi imposta à comunidade, além disso, tem consciência de que o livro e a leitura são de suma importância para o desenvolvimento e pensamento crítico do cidadão. Acaba por ser também uma forma de tentar melhorar a qualidade de vida na comunidade e fazê-la crescer.

Segundo Machado e Vergueiro (2010) a criação de uma biblioteca comunitária pode partir de vários tipos de voluntários. Pode ser um único indivíduo (interno ou externo à comunidade) ou de um grupo (também interno ou externo à comunidade). No caso de um grupo externo os autores dão exemplos de ONGs que visam auxiliar determinada comunidade. Segundo esses dois autores será feita aqui uma breve explicação dos diferentes tipos de voluntários que podem iniciar uma biblioteca comunitária.

Segue um quadro para melhor explicar as diferenças entre bibliotecas comunitárias com iniciativa individual e coletiva. Os exemplos apresentados abaixo foram pesquisados na Web pela autora.

	Iniciativa Individual	Iniciativa Privada
<i>O que caracteriza?</i>	<p>O indivíduo abre sua casa ou algum espaço na comunidade, podendo oferecer seu próprio acervo a comunidade ou monta-lo a partir de doações.</p> <p>De uma maneira voluntária, seguindo princípios filantrópicos, o agente organiza um espaço visando compartilhar seu conhecimento e seu prazer pela leitura e, assim, contribuir para melhorar os níveis de</p>	<p>Dois ou mais voluntários encontram um espaço na comunidade para abrir a biblioteca ou uma empresa privada se mobiliza a ajudar a comunidade.</p>

	<p>leitura, educação e cultura da sua comunidade. São indivíduos com as mais diversas formações, muitos deles com pouca ou nenhuma escolaridade (MACHADO; VERGUEIRO, 2010, p. 146).</p>	
<i>Tipo de iniciativa</i>	<p>As iniciativas individuais podem ser internas (um morador da própria comunidade) ou externas (alguém de fora da comunidade se mobiliza para este tipo de projeto)</p>	<p>As iniciativas coletivas podem ser internas (um grupo de voluntários que reside na comunidade) ou externas (uma ONG ou empresa privada age sobre a comunidade no intuito de construir este tipo de projeto)</p>
<i>Exemplo</i>	<p>Um outro exemplo de biblioteca comunitária como iniciativa individual é a biblioteca criada pelo pedreiro Carlos Luiz Leite de 60 anos em São Gonçalo. Aqui, o voluntario montou a biblioteca dentro de sua própria casa com o intuito de levar informação e cultura para sua comunidade. O acervo possui aproximadamente 5 mil títulos</p>	<p>A Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura se fica situada em um cemitério localizado em Parelheiros, São Paulo. É uma iniciativa de jovens da comunidade em conjunto com o Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário (Ibeac). A biblioteca fica dentro da antiga casa do coveiro e</p>

	<p>que chegam à biblioteca por meio de doações⁶. Ou seja, como morador ele enxergou a deficiência de sua comunidade e buscou mudar essa realidade como pôde.</p>	<p>conta com ajuda de empresas terceirizadas para se manter, como a Companhia das Letras, por exemplo. O acervo conta com aproximadamente 3.500 livros e recebe cerca de 300 pessoas mensalmente que usam a biblioteca para estudar ou participar dos saraus e diversos eventos que está oferece⁷.</p>
--	---	---

Fonte: Elaborado pelo autor (2016).

Aqui vale ressaltar também que a biblioteca não pode perder sua identidade em relação a comunidade apenas por se filiar a uma iniciativa privada ou até mesmo para o indivíduo que a criou. Não são as necessidades da iniciativa ou de uma única pessoa que devem ser atendidas e sim as da comunidade.

Segundo Machado (2008) cada biblioteca comunitária é única, sendo assim não existe uma única forma de mantê-la, uma única forma ou motivo para criá-la. O que achamos importante ressaltar aqui é que a criação desse tipo de biblioteca tem como base a insatisfação das pessoas em relação a algum aspecto informacional ou cultural da comunidade onde vivem ou que conhecem. É uma forma de se solidarizar com as dificuldades do outro e tentar ajudar seja você membro ou não daquele meio social.

Dessa maneira, podemos inferir então que uma biblioteca comunitária pode ser criada por diversas formas e motivos, pode ser mantida e pode se localizar em diversos lugares. Não é por não ter ajuda do Estado que este tipo de biblioteca não

⁶ Disponível em: < <http://extra.globo.com/noticias/rio/pedreiro-responsavel-pela-biblioteca-visconde-de-sabugosa-muda-vida-de-jovens-no-jardim-catarina-16325239.html> >. Acesso em 13 de mar. de 2016.

⁷ Disponível em: < <https://catracalivre.com.br/geral/muito-mais-sao-paulo/indicacao/jovens-lideram-biblioteca-comunitaria-dentro-de-cemiterio-na-periferia-de-sp/> > Acesso em 13 de mar. de 2016.

aceita nenhum tipo de ajuda além da sua comunidade, afinal de contas, é pela falta de boa infraestrutura das bibliotecas do Estado que esses espaços são criados. É importante sim que este ambiente receba ajuda para se manter e se desenvolver, seja essa ajuda de ONGs ou empresas privadas. Esses detalhes não são importantes quando olhamos para a situação como um todo. A real importância aqui é que este espaço consiga atender totalmente seu objetivo de tirar sua comunidade da exclusão informacional, mantenha seu acervo atualizado e continue com seu trabalho.

2.4 Porque a biblioteca comunitária é importante?

Nesta subseção iremos trabalhar o porquê da importância da biblioteca comunitária e o que a faz uma opção válida para a falta de presença de bibliotecas públicas nas comunidades. Vale ressaltar que esta importância apenas aumenta quando a colocamos em meio a uma comunidade que sofre com problemas de violência e marginalidade, como será visto em alguns exemplos a frente.

Algumas das características comuns entre a maioria das áreas periféricas onde as bibliotecas comunitárias estão instaladas são a criminalidade, violência e presença de drogas. Muitos jovens são levados desde cedo a esse caminho, seja por falta de conhecimento ou por parecer ser uma escolha mais fácil. A biblioteca comunitária pode ser uma forma de ajudar esses jovens a não passarem tanto tempo na rua, se manterem ocupados, terem mais conhecimento e assim poderem pensar nas consequências de suas decisões com mais afinco. Além de que, participar dos projetos sociais que algumas dessas bibliotecas oferecem pode ajudar a ter contato com outros tipos de pessoas.

[...] a educação e a cultura constituem as bases da mudança social, da prevenção da violência e da criminalidade, causadas pelas desigualdades socioeconômicas nas grandes cidades e que, a criação de bibliotecas e centros culturais em comunidades economicamente carentes, é primordial para a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos que nelas habitam. (SANTOS; SENNA, 2010, p. 34)

Segundo Bastos; Almeida e Romão (2011) as bibliotecas comunitárias trazem alterações importantes na vida de sua comunidade, sendo algumas delas o incentivo à leitura, conversa, forma de expressão, interação social e lazer. Podemos dizer que, não só é um lugar de aprendizado, mas também um ambiente em que as pessoas possam se relacionar. Além disso, alguns autores da área afirmam que para alguns autores americanos esses espaços ajudam a consolidar a cidadania no país e a incluir na sociedade esses indivíduos que sofriam até então de uma certa exclusão. Concluímos então que essas bibliotecas ajudam os indivíduos a saírem do já mencionado “escuro informacional” no qual estavam presas. Esses espaços tratam essas pessoas como cidadãos de fato e apresentam a eles seus direitos como tal.

De acordo com Prado (2009), as bibliotecas comunitárias vêm constituindo-se como espaços que focam muito de sua atenção para o desenvolvimento das comunidades em que atuam, buscando permitir a melhoria das condições de vida daqueles sujeitos que as integram, desenvolvendo iniciativas que vão além das ofertadas por um lugar que se preocupa apenas com as questões da leitura, já que considera também outros aspectos socioculturais que os afligem (PRADO; MACHADO, 2008; PRADO, 2009). Poder-se-ia dizer que, pensadas dessa forma, as bibliotecas comunitárias abrem janelas de oportunidade para a construção de alguns aspectos da cidadania [...] (BASTOS; ALMEIDA; ROMÃO, 2011, p.92).

Então, podemos levar em conta que a biblioteca comunitária não age apenas como um ambiente de acesso à leitura e ao livro, mas também como um espaço onde os moradores podem se tornar mais conscientes dos acontecimentos diários que os rodeiam. Onde antes sua única forma de acesso a informação era midiática, agora o indivíduo pode ter acesso por si mesmo e criar suas próprias opiniões ao desenvolver um olhar crítico e, de certa forma, autônomo, sobre os mais variados assuntos.

Em seu texto, Prado (2010) afirma ainda que, bibliotecas comunitárias como território de memória desempenham um papel fundamental sendo um espaço de leitura, educação, cidadania, transferência de informação e que atende a própria comunidade e não aos interesses de quem a dirige. Ou seja, o que foi visto na subseção anterior, a biblioteca não deve esquecer a quem atende. Principalmente quando é um território de memória, cujo objetivo é manter viva a história de sua comunidade.

Configurando a biblioteca comunitária como um território de memória, Prado (2010, p. 145) as define como “ [...] espaços abertos à participação democrática de todos e, o livro e a leitura, [...] são usados, como suportes informacionais voltados à libertação da mente humana”.

Entendemos a definição de Prado (2010) sobre bibliotecas comunitárias como território de memória, um espaço de gestão participativa, no qual toda a comunidade é bem-vinda na tomada de decisões, e, além disso, um espaço onde se armazena também parte da história e do conhecimento de sua respectiva comunidade. Seja um jornal que circula nas redondezas ou algum tipo de trabalho produzido por alunos, a comunidade possui uma parte de sua história em sua biblioteca. O autor justifica ainda a importância dessas bibliotecas:

[..] elas são de extrema importância porque estão criando as condições essenciais para trazer segmentos sociais que estão fora do processo produtivo moderno a se integrarem nas discussões sobre o que eles representam no processo das mudanças sociais no contexto da sociedade da informação no país [...] (PRADO, 2010, p. 145)

Podemos entender da citação de Prado (2010) que estas bibliotecas buscam adequar os moradores ao seu espaço no meio social. Com seus projetos, livros e eventos, essas bibliotecas são o ambiente ideal para a abertura de debates e crescimento intelectual do povo que ali reside.

Bastos; Almeida e Romão (2011), falam da importância dessas bibliotecas para as minorias que se viam sem ajuda de seu governo para desenvolver sua cultura e seus hábitos no âmbito educacional, ou seja, para o seu desenvolvimento intelectual. A comunidade passa a ter certa conexão com o projeto e ajuda a desenvolver e criar novas ideias que acabam por transformar esta, segundo os autores. Pode-se dizer que, a partir da criação dessas bibliotecas, as minorias não precisam mais esperar ajuda, elas aprendem a ajudar a si próprias.

[...] não é mais preciso vir uma instituição rica dar livros aos pobres. Agora os excluídos organizam-se para dar a si mesmos a biblioteca que julgam merecer. [...] A biblioteca, concebida como pólo transformador, é compreendida como fator indispensável nessas instituições, transformando-se em um recurso de valor cultural, econômico, educativo, histórico, político e social para as comunidades. (BASTOS; ALMEIDA; ROMÃO, 2011, p.94)

Outra questão importante apontada por Bastos; Almeida e Romão (2011) leva em consideração as crianças e os adolescentes, que através da informação disponível nesses ambientes passam a ter conhecimento de assunto como doenças e drogas, por exemplo. Concordamos com os autores, visto que é uma forma de conhecerem as consequências de seus atos e aprenderem mais sobre assuntos que estão ao seu redor, principalmente em comunidades mais carentes.

Além disso, tendo contato com livros, os indivíduos passam a compreender também que eles não precisam ser apenas receptores do conhecimento, mas também produtores. As pessoas da comunidade que se interessam e acabam também por produzir material sobre a própria comunidade são descobertas como afirmam Bastos; Almeida e Romão (2011, p. 94). “A produção de informação da e sobre a comunidade passa a fazer parte dos interesses das bibliotecas comunitárias, ganhando espaço nos acervos dessas instituições. [...]”. Essa ideia de manter relatos sobre a própria comunidade se enquadra na definição de Prado (2010), vista anteriormente no que diz respeito à biblioteca comunitárias como território de memória da comunidade.

Guedes (2011, p. 1) também reconhece essa importância e destaca:

Esses ambientes físicos de compartilhamento, troca e fluxos de informação são vistos como instrumentos de democratização e inclusão informacional ao ensinarem o amadurecimento das relações sociais dentro comunidade e proporcionar o crescimento pessoal dos cidadãos através de práticas informacionais, como atividades de leitura.

Segundo o autor, esses espaços são ainda uma forma de valorização da comunidade, levando em conta que uma vez que o acesso a informação é difundido, este acaba por contribuir para a redução de desigualdades sociais e a inclusão informacional a médio e longo prazo. Ou seja, podemos afirmar que a relação com a biblioteca pode fazer com que o indivíduo comece a perceber seu lugar de direito na sociedade e saia de sua zona de conforto para que torne o espaço onde ele vive um lugar melhor e melhore a sua qualidade de vida.

Guedes (2011), ainda indica que vivemos em uma sociedade pautada pela ascensão da informação e do conhecimento, porém nem todos fazem parte dessa realidade. Como já ressaltamos neste trabalho, ainda existem pessoas a par de

informação e conhecimento, não porque escolhem essa exclusão, mas porque estão privadas da inclusão devido à dificuldade de acesso. É nesse cenário que entra a biblioteca comunitária e toda a sua importância aqui proposta.

O que nos leva a outra área de importância da biblioteca comunitária, a mediação da informação proposta por Almeida Júnior e Bortolin (2007):

Em pesquisa sobre esse termo, conceituamos preliminarmente a mediação da informação como “toda ação de interferência – realizada pelo profissional da informação –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural, individual ou coletiva; que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional. (ALMEIDA JÚNIOR; BORTOLIN, 2007, p.6)

A carência de profissionais da informação frente aos projetos desenvolvidos nessas instituições que lidam com a mediação da informação, muitas vezes deixa de ser uma das áreas que poderiam ser privilegiadas pela biblioteca comunitária. A mediação da informação nessas áreas periféricas é de essencial importância para auxiliar a comunidade em adquirir certa autonomia informacional. Para que isso aconteça os próprios voluntários acabam desempenhando este papel. Muitas vezes a mediação não é feita de forma completa devido ao fato de serem voluntários sem muitos conhecimentos na área da informação. A mediação é importante na biblioteca comunitária visto que uma das justificativas para a criação dessas bibliotecas é deixar a informação disponível, mas não basta só isso, é preciso tornar a informação compreensível, tanto sua busca quanto seu conteúdo.

No atendimento do usuário, como é facilmente observável, os espaços informacionais – a biblioteca em especial – não contam com profissionais formados e preparados para exercer os trabalhos exigidos e requisitados pelos serviços fins. Qualquer um pode atuar nos setores que lidam diretamente com o público, [...] (ALMEIDA JÚNIOR; BORTOLIN, 2007, p. 11)

A partir das considerações feitas por Almeida Júnior e Bortolin (2007), onde qualquer um pode atuar em setores relacionados diretamente com o público, acaba por ser o voluntário, sem o conhecimento de um profissional formado na área da informação, que acaba por atender o usuário. Esse acontecimento pode ser visto como negativo ou positivo dependendo do conhecimento e comprometimento do voluntário em ajudar seu usuário. Seria ideal que os envolvidos fizessem cursos ou procurassem de alguma forma aprender sobre mediação da informação para que o

atendimento fosse mais completo, ou até, mesmo que profissionais da informação se dispusessem a ajudar com aulas sobre o assunto, por exemplo.

Outra área importante na qual a biblioteca comunitária atua é em influenciar o hábito da leitura, principalmente nas crianças. É um fato conhecido e apontado por Freitas (1997) de que uma criança que se interessa pela leitura levará este interesse para a vida adulta, enquanto alguém mais velho dificilmente irá desenvolver esse gosto. Freitas (1997) afirma a importância deste hábito e a responsabilidade da biblioteca em desenvolvê-lo:

A leitura assume a função chave no processo do aprendizado, mas poucos têm acesso a esse processo, e é por isso que cabe à biblioteca usar plenamente os recursos de que ela dispõe para levar até o professor, ao aluno e à comunidade em geral atividades que os atinjam em seus locais de trabalho, em locais próximos às suas residências, nas praças, no caminho que os leva ao trabalho [...] São os chamados serviços de extensão, que são todas aquelas atividades que a biblioteca desenvolve fora de sua sede e que irão proporcionar às pessoas oportunidades de aprendizagem e participação. (FREITAS, 1997, p. 141)

Para a autora, é através da leitura que iremos aprender a selecionar e criticar aquilo que levamos para nossa autoeducação permanente. Também, como já foi dito, é de interesse da biblioteca, desenvolver o pensamento crítico do cidadão. Além disso, a leitura nos permite escrever melhor e ter uma visão mais ampla das coisas ao nosso redor, desenvolve a imaginação e torna nosso pensamento mais dinâmico ao nos depararmos com algum problema. Muitas escolas falham ao tentar implantar o gosto pela leitura em seus alunos, amor pela leitura não deve ser algo imposto e sim algo que surge naturalmente e espontaneamente. A criança deve começar lendo livros que chamem sua atenção e seu gosto particular, não deve se sentir forçada a ler livros de uma lista escolar, por exemplo. A partir do momento em que estamos de mente aberta, lendo aquilo que nos interessa é que o gosto pela leitura irá surgir.

Todos aqueles que não têm o hábito da leitura precisam ser motivados. [...]. Planejar atividades que objetivem valorizar os interesses, trabalhos e cultura local, despertando na comunidade a consciência de que a biblioteca é um meio de comunicação e espaço cultural aberto, é uma forma de romper a visão acomodada que muitos bibliotecários representam [...] (FREITAS, 1997, p. 142)

Machado (2008) aponta que os voluntários a frente desses projetos têm consciência do imenso valor que a informação e o conhecimento possuem e o quanto o acesso a estes pode mudar a posição daquela população na sociedade. Para a autora, a biblioteca comunitária é um sinal de resistência e enfrentamento social em relação a uma realidade da qual aquele grupo não quer fazer mais parte.

Em seu texto, Machado (2008) aponta também para o fato de que Almeida Júnior estava certo ao criticar as bibliotecas comunitárias acerca do seu não cumprimento de seus deveres relativos à informação pública. Esta área acaba sendo relegada ao rádio, à TV ou a internet. Porém, para a autora esse quadro deve ser mudado e a biblioteca comunitária deve começar a se voltar também para este tipo de informação, além de apenas questões culturais.

Visto que a biblioteca deve estar ciente do seu papel e, ao dialogar com o seu usuário deva “[...] criar serviços de informação pública que atendam as demandas locais existentes [...]” (MACHADO, 2008, p. 149). Ou seja, podemos entender que a biblioteca deve trazer o dia-a-dia da comunidade para o seu espaço e ajudar a população a solucionar seus problemas, lidar com todo tipo de situação e ajudar os moradores a aprenderem mais sobre tudo o que lhes interessa.

[...] acreditamos que ao somar esforços da biblioteca pública e comunitária poderíamos trabalhar no sentido de mudar esse cenário e minimizar os problemas informacionais do país. Afinal, não podemos nos eximir desta tarefa, deixando que os veículos midiáticos sejam os únicos a cumprir a função de dar acesso à informação à população brasileira [...] (MACHADO, 2008, p. 149)

É importante mostrar que existe conhecimento além do apresentado na TV, no rádio e na internet, e que existe outro ponto de vista além do apresentado pelos repórteres, políticos ou chefes de empresas. A população deve se esforçar para encontrar o tipo de informação que julga correta ao invés de deixar que a mídia leve até ela o que parece ser a informação correta. Qualquer tipo de biblioteca pode ter um papel importante nisso, dando ao usuário acesso à informação desejável e permitindo a este o livre arbítrio e visão crítica em cada situação.

A biblioteca comunitária acaba por ter sua importância também no âmbito de defender os direitos humanos, já que estes se encontram desprotegidos pelas leis e políticas públicas, como veremos mais detalhadamente nas próximas seções.

Vimos aqui um pouco do impacto que uma biblioteca comunitária pode levar à sua comunidade e o quanto elas têm sido importantes para mudar a realidade de exclusão, como vimos em alguns exemplos propostos.

Porém, apesar dos benefícios que estes espaços já vêm trazendo para suas comunidades ainda há um longo caminho a trilhar, frisando mais uma vez que as pessoas por trás desses projetos não são bibliotecários e não estão cientes de como modificar a situação da informação pública. Além disso, é importante dizer que não são as bibliotecas comunitárias sozinhas que irão resolver os problemas culturais e educacionais do país.

A criação de bibliotecas populares me parece uma das atividades mais atualmente necessárias para o desenvolvimento da cultura brasileira. Não que essas bibliotecas venham resolver qualquer dos dolorosos problemas da nossa cultura, o da alfabetização, o da criação de professores de ensino secundário, por exemplo..., mas a disseminação, no povo, do hábito de ler, se bem orientada, criará fatalmente uma população urbana mais esclarecida, mais capaz, de vontade própria, menos indiferente à vida nacional. (VERRI,1996, p.80 *apud* ANDRADE,1957, p.7)

As mudanças na população brasileira apontadas por Verri (1996) não vão acontecer só com a ajuda de bibliotecas populares. É um trabalho a longo prazo e de todos os tipos de bibliotecas e profissionais da informação, fazer com que a informação chegue a quem necessita e mudar a realidade das minorias do país.

Mais do que isso, é um trabalho do governo dar a sua população o acesso à informação para que melhor possam compreender o país em que vivem. O governo deve deixar ao dispor de sua população bibliotecas preparadas, organizadas e bem cuidadas para atender suas respectivas comunidades da maneira mais completa possível. Ao longo dos anos foram criadas diversas leis e decretos no âmbito cultural que visavam resolver os problemas das bibliotecas públicas a longo prazo, e fazer do Brasil um país com cultura e bibliotecas de qualidade espalhadas por todo o seu território. A próxima seção se destina a um breve estudo dessas leis.

3 BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS NO BRASIL

Nesta seção propomos discutir as bibliotecas comunitárias no Brasil, mais especificamente na atualidade, destacando sua importância, seu impacto e as políticas públicas do nosso país em relação não só a este tipo de biblioteca como também às bibliotecas públicas. Esperamos que ao fim desta seção possamos apontar melhorias e os principais déficits em relação às bibliotecas públicas e comunitárias no país.

3.1 Biblioteca Comunitária Brasileira: um breve histórico

Machado (2008), nos conta um pouco da história das bibliotecas comunitárias no Brasil. Conforme a autora, os primeiros sinais de bibliotecas comunitárias no país se dão entre 1920 e 1930 devido a movimentos operários anarquistas que pretendiam organizar centros culturais e bibliotecas. Porém, a autora conta ainda que, em 1811 foi fundada a primeira biblioteca pública brasileira, esta ficava em Salvador e apesar de ser tida como pública é fruto da iniciativa pessoal de um senhor de engenho e sem nenhuma ajuda do estado. Na época da ditadura, a autora aponta esforços de movimentos revolucionários para criar bibliotecas e centros de documentação, mais atualmente temos o Movimento dos Sem Terra unindo esforços para criar bibliotecas que sirvam de suporte para a educação de seus integrantes.

Já no início da história das bibliotecas comunitárias podemos ver minorias que se sentiram necessitados de maior acesso à cultura e informação batalhando para modificar sua realidade. A missão das bibliotecas comunitárias é a mesma desde seu começo, e desde seu começo existem voluntários que se solidarizam com a situação de uma comunidade e buscam ajudá-la, como é o caso da citada biblioteca pública de Salvador que acaba por ser pública só no nome.

O Brasil não conseguiu ainda dar acesso à leitura e informação a todos os seus cidadãos, como apontam Machado e Vergueiro (2010). Nosso país ainda não

possui bibliotecas públicas suficientes para satisfazer todo o seu território. O Anuário de Estatísticas Culturais de 2010¹ aponta que pelo menos 10% dos municípios brasileiros não possuem uma biblioteca pública. Já foram feitas algumas políticas públicas que visavam aumentar o número de bibliotecas públicas no país que serão apontadas mais a frente. O que gostaríamos de ressaltar aqui é, do que adianta um grande número de bibliotecas que não estão em boas condições? Será que quantidade importa mais que qualidade?

Conforme apontam Machado e Vergueiro (2010) a incapacidade do país de levar leitura e cultura a todo o seu território acaba levando a uma exclusão das camadas menos favorecidas e que ainda não possuem esse acesso. Além disso, conforme as autoras, as políticas públicas do Brasil em relação a bibliotecas públicas parecem não avançar, o que faz com que o problema do acesso não seja resolvido.

Podemos pensar que, por vivermos em uma época em que tudo está conectado e que a informação está cada vez mais rapidamente disponível, todos nós possuímos esse privilégio e vivemos em um país onde o acesso é igual para todos. Mas não é assim que acontece, estar conectado é muito diferente de ter acesso à informação ou até mesmo de saber como acessar o que se necessita. E muitas vezes falta para parte da nossa população o conhecimento de discernir que tipo de informação é de fato a informação necessária ou até mesmo a correta. Bibliotecas comunitárias são mais comuns em regiões periféricas exatamente por isso. Essas regiões sofrem com a falta de informação e cultura que, apesar de vivermos em uma época em que a informação nos parece acessível a todos, o Estado falha em prover. Sendo assim, a população têm dificuldades em analisar criticamente o tipo de informação que chega até elas por meio da mídia.

A biblioteca comunitária, no Brasil, pode ser vista como um espaço de negociação, de apropriação e de resgate da identidade. E a atividade que permeia todo esse processo é a leitura individual, coletiva ou mediada. Sobre esse aspecto, cabe lembrar que temos um déficit imenso de leitura e de leitores no país. Se o ensino formal não dá conta desta demanda, por meio das escolas e de suas bibliotecas, e se não existem bibliotecas públicas suficientes para atender a necessidade de auto-formação da população, a criação da biblioteca comunitária passa a ser o caminho natural encontrado pelas comunidades locais para apoiá-la, entendendo-a como uma

das mais importantes ferramentas de emancipação do homem.
(MACHADO; VERGUEIRO, 2010, p.150)

Segundo Machado (2008) a sociedade atual sofre mudanças de valores e comportamentos que acabam por refletir na biblioteconomia (modificação de visão, conceitos e funções) e nas comunidades. No âmbito das comunidades, segundo a autora, os movimentos sociais existentes são os principais afetados por estas mudanças. No que diz respeito a essas mudanças Machado (2008) afirma que vivemos em uma época de pressão, em que a flexibilidade, fluidez e dinâmica são importantes. Segundo ela a segurança é baixa e os fluxos de informação são complexos.

O que podemos entender como, muita informação e pouca segurança na veracidade dessas informações. Vivemos em uma época em que todos podem publicar suas opiniões online e compartilhá-las, recebemos muitas notícias de amigos e vemos muitas informações em redes sociais. Mas são poucos aqueles que realmente se perguntam sobre a veracidade do conteúdo que recebem antes de passá-lo adiante.

Outro ponto importante apontado pela autora no que diz respeito a nossa sociedade atual, é a convivência com diferentes níveis culturais que se sobrepõem e acabam por causar exclusão de diversas outras camadas sociais. Conforme nos conta a autora, o surgimento cada vez maior de bibliotecas comunitárias é um exemplo disso.

[...] consideramos que, a biblioteca comunitária, como se apresenta hoje na sociedade brasileira, pode ser considerada um outro tipo de biblioteca, pois vem sendo criada seguindo os princípios da autonomia, da flexibilidade e da articulação local, o que amplia as possibilidades de atuação e de inserção na sociedade. Outro fator que nos leva a considerá-la diferente é pela forma de atuação estar muito mais ligada à ação cultural do que aos serviços de organização e tratamento da informação. (MACHADO, 2008, p.61)

Ou seja, para os autores, as bibliotecas comunitárias brasileiras são particulares devido à grande atenção que dão às ações culturais. Isso acontece porque, é a partir dessas ações que o primeiro contato do usuário com a biblioteca acaba ocorrendo. É uma forma da biblioteca chamar o usuário para melhor conhecê-la, visto que a maioria das bibliotecas pensa em seus projetos a partir das necessidades da comunidade que a cerca.

Segundo Bastos; Almeida e Romão, em países desenvolvidos, como é o caso dos EUA e o Reino Unido, as bibliotecas comunitárias são vistas como bibliotecas públicas localizadas em comunidades periféricas e que trabalham ativamente com a comunidade. Conforme os autores, o que as difere de uma biblioteca pública de fato é que suas ações são voltadas para indivíduos em situação de exclusão, desempregados, moradores de rua, presidiários ou imigrantes. Segundo Machado (2009), essas bibliotecas agiam com projetos especializados para imigrantes, por exemplo, onde visavam preservar sua cultura. Ou seja, há uma ideia de inclusão de classes sociais por parte dessa biblioteca. Incluir esses imigrantes ao mesmo tempo que faz com que eles não se sintam assim tão distantes de sua cultura própria. Para a autora, a diferença desse tipo de biblioteca do exterior para as bibliotecas comunitárias brasileiras, é que essas bibliotecas são mantidas pelo Estado ou por uma iniciativa privada. Para Machado (2009), no exterior as bibliotecas comunitárias acabam tendo também as funções de uma biblioteca popular ou pública e tem por objetivo democratizar o acesso ao livro e a informação para a comunidade.

É compreensível aqui que, no que diz respeito às bibliotecas comunitárias de países desenvolvidos, estas não partem exatamente da necessidade de uma parcela da comunidade periférica ou excluída. As bibliotecas comunitárias são proporcionadas pelo Estado e funcionam como uma forma de incluir as minorias, sem que estas tenham tempo de se organizar para tal. Mesmo mantida pelo Estado a biblioteca dos países desenvolvidos, seja ela pública, popular ou comunitária parece ter muito mais ligação com a sua comunidade, com as necessidades informacionais do seu usuário do que as bibliotecas públicas brasileiras atualmente.

Nos países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil, Bastos; Almeida e Romão (2010) apontam para um distanciamento entre o pobre e o rico, ou até mesmo ao estrangeiro. Outros países em desenvolvimento que os autores citam são o Nepal, a Nicarágua e o Quênia, por exemplo, nesses países as bibliotecas comunitárias também são periféricas e visam o acesso à cultura, informação e à leitura. Os autores mostram que, assim como no Brasil, esses países apresentam também um vínculo entre a biblioteca comunitária e sua comunidade e apresentam até as mesmas dificuldades. Sendo elas, funcionários qualificados, falta de política de avaliação, acervo montado a base de muitas doações e pouca atenção ao

tratamento da informação. Esse é o quadro no qual a biblioteca comunitária brasileira está inserida.

No Brasil, as bibliotecas comunitárias têm se apresentado como novos espaços de informação e leitura, mas que na maioria das vezes não contam com profissionais da informação a frente de seus trabalhos, mas sim membros dessas comunidades. No país, as instituições seguem os pontos observados nas nações em desenvolvimento. (BASTOS; ALMEIDA; ROMÃO, 2011, p.95)

A biblioteca comunitária de um país em desenvolvimento acaba por ser o extremo oposto da biblioteca comunitária em países desenvolvidos. Inserida no mesmo caso de bibliotecas comunitárias africanas, por exemplo, a biblioteca comunitária brasileira reflete o descaso de seu governo para com o serviço público. O que é interessante levarmos em conta aqui é que nos países desenvolvidos o governo enxerga a exclusão informacional e os bibliotecários ajudam na integração, enquanto o nosso panorama mostra um governo que, na maioria das vezes, fecha os olhos para essas necessidades.

Mais do que problemas de infraestrutura em suas bibliotecas, o Brasil também sofre de problemas relacionados ao livro e a leitura. O acesso é sim uma parte do problema, mas existe ainda mais.

Prado (2010) chama atenção para os hábitos de leitura do brasileiro e levanta a questão, o Brasil lê pouco? Segundo o autor, as respostas encontradas para essa pergunta normalmente se referem ao alto preço dos livros no país e que o brasileiro lê aproximadamente 4,7 livros por ano. Porém o autor afirma que o problema é muito mais extenso e aponta duas das inúmeras respostas a essa problemática.

- 1) A primeira resposta de Prado (2010) que justifica o baixo interesse pela leitura no Brasil é a questão do conceito de letramento (representação da linguagem falada por meio de sinais, escrita) e de leitura (a interpretação do texto lido).
- 2) A segunda diz respeito ao uso do computador na leitura, o autor questiona a importância dada ao uso de computadores nessa prática. Ou seja, o simples fato de ter um computador presente na sala de aula ou na biblioteca não leva o usuário a ter um crescimento no acesso a informação. Saber acessar um computador faz das nossas crianças cidadãos engajados com a leitura? Não

estaria sendo um dos pontos positivos da biblioteca comunitária criar esse laço com a leitura nas crianças das comunidades?

O fato de o indivíduo estar qualificado para o trabalho e dominar todas as ferramentas modernas da Web o faz ser um cidadão consciente e “engajado” com a filosofia da leitura, nos moldes defendidos pelos grupos que atuam nas organizações de bibliotecas comunitárias como território de memória? (PRADO, 2010, p.147)

Isso nos leva a pensar numa afirmação feita anteriormente neste trabalho, apenas o possuir o meio de acesso a informação e o fato de estar conectado a web não querem dizer necessariamente que o indivíduo tem acesso ao que necessita ou que sabe encontrar determinada informação. Conforme aponta Machado (2008, p. 15):

O rápido avanço tecnológico no planeta é um forte componente da aceleração nas mudanças pela qual a sociedade e as organizações estão passando. Se, por um lado, a tecnologia apresenta-se como uma ferramenta que minimiza as distâncias, aproxima as pessoas, abrindo novos caminhos, criando oportunidades e gerando qualidade de vida, por outro lado de forma paradoxal e ambígua, essa mesma tecnologia colabora para ampliar as distâncias entre aquelas pessoas que tem acesso a informação e a tecnologia e aquelas que não o tem, bem como fomenta o individualismo excluindo aqueles que não participam da sociedade de mercado, num evidente aumento da desigualdade social

Machado (2008) aponta também a diferença com a qual a nossa sociedade vê a informação. Segundo a autora, informação agora é uma parte determinante no âmbito de disputas e relações de poder ou na sociedade, a informação e o conhecimento passaram a ter um valor tangível, são agora um produto. As informações tidas como mais valiosas, segundo Machado (2008), ficam de posse daqueles com maior poder aquisitivo devido à falta de políticas públicas sobre essas informações. Nos países em desenvolvimento é onde esta situação é mais agravante, como aponta a autora, as regiões periféricas são desprovidas de informação, educação, cultura e serviço público no geral.

Foi possível perceber que a biblioteca comunitária brasileira é tida como último recurso das minorias a muitos anos. E a muitos anos que estas são deixadas de lado por seu governo no quesito da informação. Porém, não são todos os países

que possuem problemas com essa questão, como foi visto nos casos de bibliotecas de países desenvolvidos. No caso do Brasil, a situação das bibliotecas comunitárias continua difícil e precisa de maior atenção já que sua comunidade sozinha não consegue dar conta de todos os problemas. Essa seção nos mostrou que o governo deve dar mais atenção às suas bibliotecas públicas como também pode e deve dar algum tipo de auxílio às suas bibliotecas comunitárias, como acontece em outros países. Doações ou algum tipo de ajuda para a manutenção dos prédios, algum tipo de reconhecimento que seja já seria um começo.

No que diz respeito à leitura no país, já concluímos que o acesso ao livro ainda não abrange todo nosso território nacional. Mas diversas pessoas de áreas rurais e zonas periféricas fazem esforços diários para levar livros à sua população. Não acreditamos aqui que a competência em computadores seja mais importante do que a compreensão de uma boa leitura. Tecnologia é uma área de interesse no mundo inteiro, mas em momento algum substitui o hábito de ler e as habilidades que este hábito pode trazer para um profissional. Algumas delas seriam maior imaginação para resolver problemas ou opinar de forma mais crítica às situações que se apresentam.

Veremos a seguir um pouco das políticas públicas adotadas pelo nosso país em relação a bibliotecas no geral e como essas políticas acabam por atingir e dar espaço para as bibliotecas comunitárias.

3.2 O problema das políticas públicas no Brasil

Achamos importante separar este espaço para discutir as políticas públicas relacionadas às bibliotecas no nosso país, os problemas e o quanto elas justificam a falta de estrutura da biblioteca pública e escolar.

Ao contrário do que a maioria das pessoas pensam, Machado (2008), em seu texto, aponta que as bibliotecas públicas não estão voltadas para o âmbito da educação, e sim da cultura. A confusão ocorre, conforme mostra a autora, devido ao caráter educacional que a biblioteca pública acabou adquirindo com o tempo.

Pensar em políticas públicas para bibliotecas comunitárias é pensar em política também para as bibliotecas públicas e escolares. Se reconhecermos a complexidade que permeia o momento contemporâneo, a relação entre biblioteca escolar, pública e comunitária é inevitável. (MACHADO, 2008, p. 145)

A afirmação de Machado (2008) tem ligação com o que já foi dito neste trabalho, sobre a conexão entre estes três tipos de biblioteca. Visto que são exatamente as falhas das bibliotecas públicas e escolares que levam à criação da biblioteca comunitária. Levando em conta essa ligação, não se pode pensar em melhorar um desses tipos sem levar o outro em consideração, já que suas áreas de atuação acabam por se sobrepor. As políticas públicas brasileiras até o momento, porém dão mais atenção à biblioteca pública, mas ainda assim não atendem suas necessidades de forma satisfatória.

Contaremos aqui uma breve história dessas políticas públicas e de seu impacto. Machado (2008) aponta que desde a criação do INL em 1937 - uma das primeiras iniciativas como uma das metas a expansão das bibliotecas públicas, segundo a autora - o governo vem tentando criar bibliotecas públicas apenas como ações governamentais e sem a participação efetiva da sociedade.

Em 1992 foi criado o Proler (Programa Nacional de Incentivo à Leitura), um dos mais antigos programas de incentivo à leitura que ainda se encontra ativo. A sede do Proler se encontra na Casa de Leitura, é um programa vinculado à Fundação Biblioteca Nacional e, segundo Machado (2008), desenvolve ações em parceria com secretarias de estados e municípios de cultura e educação. No mesmo ano, a autora cita a criação do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP), quando cada estado ganhou seu próprio Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas (SEBP), este deveria fiscalizar as bibliotecas municipais. Ambos os órgãos são subordinados à Fundação Biblioteca Nacional. Machado (2008) cita alguns dos objetivos do SNBP como, proporcionar bibliotecas públicas estruturadas, incentivar a criação de bibliotecas em municípios desprovidos destas, repassar os recursos financeiros aos sistemas estaduais e municipais para a criação e manutenção de acervos, entre outros objetivos.

A nosso ver, a concepção do SNBP foi inovadora, no sentido de propor um sistema que pudesse agir de forma ramificada nesse país de dimensões continentais. Por meio da organização sistemática de programas de apoio poderia também incluir em suas metas a criação

de uma rede de sustentação para as inúmeras iniciativas locais de bibliotecas comunitárias. (MACHADO, 2008, p. 79)

Para nós o SNBP é um sistema que tem muito a oferecer na teoria, visto que funcionaria para conectar as bibliotecas brasileiras e com os órgãos públicos que iriam repassar suas respectivas verbas, aquisições e reformas. E como Machado (2008) aponta, este programa poderia crescer em direção às bibliotecas comunitárias. Entendemos que o Programa poderia crescer desta forma e auxiliá-las repassando o que já fosse obsoleto para as bibliotecas públicas ou ajudando-as de alguma outra forma. Porém, na prática, como veremos esse sistema acaba por não solucionar o problema no total. Machado (2008) critica o Sistema no sentido de que, estando vinculado a FBN o SNBP não teve liberdade para agir de forma mais autônoma.

Concluimos por fim que, a criação do SNBP pode ser considerada um marco na luta por políticas públicas para bibliotecas, mas é apenas o começo do caminho. Muito ainda precisava ser feito visto que o sistema não conseguia agir com liberdade estando vinculado à Biblioteca Nacional e não conseguiu modificar o problema da falta de bibliotecas públicas em algumas áreas do território nacional.

Conforme Ramos (2009) no governo de Fernando Henrique Cardoso, foi criada a Secretaria do Livro e da Leitura, a partir desta secretaria foi criado o programa Uma Biblioteca em Cada Município que tinha como objetivo ampliar a rede de bibliotecas públicas no país. Por volta do ano 2000, ainda no governo de FHC, o ministro da cultura na época decidiu focar seus esforços em políticas para bibliotecas, a autora nos diz que:

Buscando minimizar as deficiências no acesso ao livro e na promoção da leitura, Weffort criou programas voltados para o livro, a leitura e as bibliotecas e ampliou programas anteriores à sua gestão, como o Proler, o Paixão de Ler e Uma Biblioteca em Cada Município, que, mediante convenio com municípios, objetivaram ampliar o acesso ao livro através da abertura e revitalização de bibliotecas públicas por todo o Brasil. (RAMOS, 2009, p. 60)

Conforme a autora, o Uma Biblioteca em Cada Município apresentou, de 1995 até 2001, êxito principalmente no Sudeste e no Nordeste cujos números de bibliotecas cresceram consideravelmente. Ramos (2009) aponta ainda que, devido a suspeitas de fraude, ao invés de repassar o dinheiro que seria utilizado em compras

de acervo, a Secretaria do Livro e da Leitura começou a enviar kits com livros novos, mobiliário necessário, alguns cursos de capacitação para novos funcionários...

O programa Uma Biblioteca em Cada Município também visava erradicar o problema da falta de biblioteca em boa parte dos municípios brasileiros, o que, segundo vimos, teve êxito em algumas regiões. Mas ainda não era um programa totalmente eficiente, e sobre isso o kit merece uma importância especial visto que, não era feito a partir das necessidades do usuário de determinada região, era montado sem um estudo de usuário para guiar o comprador.

Em 2003, já com Lula no governo e Gilberto Gil como ministro da cultura, Ramos (2009) mostra que a Secretaria do Livro e da Leitura deixou de existir e foi criado um projeto nos moldes do Uma Biblioteca em Cada Município para manter a construção de novas bibliotecas. O programa foi lançado em 2004 e se chamava Programa Livro Aberto, porém, segundo nos conta Ramos (2009) por mais que um programa tenha precedido o outro, são programas diferentes.

Uma Biblioteca em Cada Município é um projeto de implantação de bibliotecas públicas. O Plano Nacional do Livro e Leitura [...] é a materialização de todas as visões e estratégias que compõem as diretrizes básicas da política nacional do livro e leitura e bibliotecas [...] (informação verbal)⁸

Aqui temos um ponto importante a se ressaltar, o governo cria várias bibliotecas, mas do que adianta aumentar o número de bibliotecas a cada ano se estas continuam fracas em questões estruturais, de acervo, de cuidado técnico e de pessoal? Como já foi dito, é dessa falta de compromisso dos projetos do governo que se iniciam, mas não conseguem se manter que a comunidade se vê sozinha e tende a ajudar a si mesma com projetos sociais. Segundo Machado (2008):

O discurso político sempre defendeu e ressaltou a importância das bibliotecas públicas, mas na prática, pouco foi feito para apoiar efetivamente estas instituições. No que se refere ao acesso a informação, Prado (2004) considera que as ações decorrentes desses discursos podem ser muito mais caracterizadas como estratégias de marketing do que apoio ou articulações no sentido de fortalecer essas instituições [...] (MACHADO, 2008, p. 77)

Ou seja, muito se fala de mudar a realidade das bibliotecas, mas pouco se faz. Entendemos essas atitudes como meras promessas políticas que perdem a

⁸ Entrevista com Galeno Amorim em 20 set. 2005 apud MOZER, 2006 apud RAMOS, 2009

validade no momento da nomeação do cargo. Os projetos vistos até agora eram lindos no papel mas falhavam no mais importante que seria manter essas bibliotecas em pleno funcionamento depois de abertas.

Em 2006, durante o mandato de Gilberto Gil no ministério da cultura, foi lançado o Programa Nacional do Livro e da Leitura, este visava “reunir e organizar as ações relacionadas ao livro, à leitura, à literatura e à biblioteca que vinham sendo implementadas no país de maneira dispersa e desarticulada” (MACHADO, 2008, p.77). Em outubro de 2007 é lançado o Programa Mais Cultura, um programa que finalmente dá participação a sociedade de forma inovadora, segundo Machado (2008). Por meio do Programa Mais Cultura, foram criados os Pontos de Cultura.

[...] Ele se realiza por meio do estabelecimento de convenio entre o Minc [Ministério da Cultura] e lideranças locais responsáveis por iniciativas culturais em comunidades espalhadas por todo o país. O ponto de Cultura passa a ser o polo de articulação da cultura local organizado de maneira a impulsionar ações que já existem nas comunidades. [...] (MACHADO, 2008, p.84)

Os Pontos de Cultura continuam atuando, segundo o site do Ministério da Cultura, em 2011 eram 2,5 mil Pontos de Cultura em 1.122 cidades brasileiras. A ideia, ainda segundo o site, é que estejam ativos 15 mil Pontos de Cultura até 2020. Para chegar a esse número, seriam necessários 1.750 novos Pontos de Cultura por ano até 2020.⁹

A ideia dos Pontos de Cultura de oferecerem áreas culturais dentro das comunidades e áreas periféricas é realmente interessante. E se for feita estudando a comunidade e criando áreas que interessem a esta diretamente e crescendo na proporção que o Minc promete, pode ser uma boa forma de proporcionar a cultura que falta a essas áreas brasileiras. Inclusive os Pontos de Cultura das comunidades poderiam trabalhar em auxílio das bibliotecas e vice-versa.

As bibliotecas comunitárias são citadas em uma política pública pela primeira vez no Brasil no ano de 2007, segundo aponta Machado (2008), e é exatamente no Programa Mais Cultura que são citadas. Porém, a política de que se fala aqui não é voltada especificamente para bibliotecas comunitárias, segundo a autora não há esse tipo de política no nosso país.

⁹ Disponível em < <http://www.cultura.gov.br/pontos-de-cultura1> > Acesso em 13 de mar. de 2016.

O programa prevê três linhas de ações, sendo que a rede de bibliotecas públicas faz parte da primeira linha de ação, “ Cultura e cidadania”, que tem por diretriz “garantir o acesso dos brasileiros aos bens e serviços culturais. ” As bibliotecas comunitárias fazem parte da segunda linha de ação, “Cidade Cultural”, que tem por diretriz “qualificar o ambiente social das cidades, ampliando a oferta de equipamentos e os meios de acesso à produção e à expressão cultural. ” A terceira linha do Programa refere-se a “Cultura e renda” e tem por diretriz “ gerar oportunidades de trabalho, emprego e renda para trabalhadores, micro, pequenas e medias empresas. ” (BRASIL, 2007b) [...]. (MACHADO, 2008, p. 84)

Com a falta de uma política pública que atenda diretamente as bibliotecas comunitárias, estas acabam tendo que recorrer às empresas terceirizadas ou ONGs para se manter. A política apresentada por Machado (2008) onde ocorre a rápida citação à biblioteca comunitária nos dá a entender que a parte do programa voltada para tal, visa ofertar os meios necessários para o acesso à cultura. Mas não foi encontrado nenhum indicio de que isto ocorre realmente.

Conforme apresenta o Programa Mais Cultura, os Pontos de Cultura seriam ampliados para Pontos de Leitura, estes, por sua vez, iriam incorporar bibliotecas comunitárias. Segundo o site do SNBP isto já acontece, e as bibliotecas comunitárias inscritas no programa são agora Pontos de Leitura. O ministério da cultura acaba por fazer concursos e estes Pontos que se destacam ganham kits de livros, mobiliário e computador, tudo no valor de 20 mil reais, conforme aponta o site do Minc. Alguns desses concursos são o Prêmio Mais Cultura de Pontos de Leitura do Município do Rio de Janeiro e o Concurso Pontos de Leitura 2008 – Edição Machado de Assis.¹⁰

Sobre a atenção dada às bibliotecas comunitárias no âmbito geral, Prado e Machado (2008) apontam:

A biblioteca comunitária parece ser um fenômeno singular na formação cultural do país, e, no entanto, nem a Ciência da Informação nem tampouco a Biblioteconomia e as políticas pública têm dado a devida importância para a questão. (PRADO; MACHADO, 2008, p.3)

No que diz respeito a políticas públicas locais, são poucos os municípios que possuem alguma política específica para bibliotecas. Segundo Machado (2008), as bibliotecas públicas ficam vulneráveis aos seus governantes locais, apenas as

¹⁰ Disponível em: < <http://snbp.culturadigital.br/nossas-acoas/bcpl/> > Acesso em 13 de mar. de 2016.

grandes cidades se destacam. A autora dá o exemplo de São Paulo, que em 2003 criou o “Programa São Paulo: Um Estado de Leitores” cujo objetivo era zerar o número de municípios sem bibliotecas públicas. E o Sistema Municipal de Bibliotecas Públicas que unificou os Departamentos de Bibliotecas Públicas e o de Bibliotecas Infanto-Juvenis, dando maior sintonia as bibliotecas públicas de bairro e racionalizando recursos e serviços, como aponta Machado (2008).

O sistema proposto na cidade de São Paulo funciona de tal forma que deveria servir de exemplo para os outros municípios. É composto por 107 bibliotecas espalhadas pelo município, sendo 6 delas bibliotecas centrais e 13 bibliotecas temáticas dos mais variados assuntos. Todas as bibliotecas são conectadas, além de possuir ônibus-biblioteca e 14 Pontos de Leitura¹¹. O sistema acaba por ter um alcance muito abrangente e funciona além do papel.

Machado (2008) aponta também como a tecnologia e a necessidade de alfabetizar a população digitalmente acabou por deixar as bibliotecas públicas de lado e fez com que o governo se focasse mais na criação de telecentros e infocentros. Porém, conforme nos mostra Machado (2008) algumas bibliotecas conseguiram se manter tendo características de telecentros dentro de suas instalações, como é o caso da Biblioteca Pública do Rio de Janeiro.

Como sabemos o acesso à internet é fundamental e determinante para o crescimento e melhoria da qualidade de vida de qualquer lugar e de qualquer cidadão. Porém, nesse caso, as bibliotecas ficaram aquém das possibilidades criadas na região parece-nos que o avanço tecnológico que permeia a cidade não chegou até esta instituição. (MACHADO, 2008, p. 89)

Como foi mostrado o nosso país caminha a passos lentos para melhor fornecer bibliotecas públicas de qualidade a sua população. É preciso estudar as políticas atuais e rever até que ponto estas ainda são efetivas, é de grande importância que as bibliotecas públicas funcionem também como pontos de acesso à tecnologia, visto que, não temos como fugir de seu avanço e das comodidades que está nos proporciona. Além disso, não adianta termos bibliotecas públicas em todos os municípios se estas não atendem efetivamente toda a sua comunidade e não possuem infraestrutura para seus usuários. Estas falhas nas políticas de

¹¹ Disponível em: <

<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/smb/index.php?p=1197> >

Acesso em 13 de mar. de 2016.

bibliotecas públicas acabam levando comunidades até as bibliotecas comunitárias, que muitas vezes não possuem também as formas necessárias de ajudar totalmente sua população, mas que está fazendo um trabalho visivelmente bom por aqueles desprovidos acesso. Seria o ideal que bibliotecas comunitárias, públicas e escolares trabalhassem em conjunto para excluir de vez os déficits relativos a leitura e informação no país, sem que uma fique encarregada do dever da outra ou vice-versa.

Cabe aqui mais uma vez chamar atenção para o sistema de bibliotecas de São Paulo, o município do Rio poderia trabalhar para criar uma integração maior entre não só suas bibliotecas parques, mas todas suas bibliotecas públicas, por exemplo. E, ao invés de construir mais prédios de bibliotecas que o governo não consegue manter depois, seria interessante dar o acesso de outra forma, como o ônibus-biblioteca, por exemplo. Ou auxiliando de alguma forma as bibliotecas comunitárias das regiões periféricas e mais necessitadas. É uma mudança lenta, mas que precisa ser feita e estudada por nossos governantes e nossa população, as políticas públicas de bibliotecas brasileiras precisam de mais atenção.

Para ilustrar a realidade da biblioteca comunitária brasileira foi feito um breve estudo sobre a Biblioteca do Engenho do Mato – BEM. Buscamos compreender melhor suas necessidades, sua importância para comunidade, os motivos de sua formação e como faz para se manter. Esperamos que, a partir deste estudo fique mais claro o foco deste trabalho e a batalha que este tipo de biblioteca trava todos os dias para se manter contando com nada além dos recursos que sua comunidade pode disponibilizar.

4 A BIBLIOTECA COMUNITÁRIA NA LITERATURA CIENTÍFICA: MAPEAMENTO DA TEMÁTICA NA BRAPCI E NA BDTD

Uma das justificativas do desenvolvimento deste trabalho é a pouca incidência de literatura científica que trata da temática bibliotecas comunitárias. Dessa maneira, para o desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso foi possível visualizar esta realidade a partir das buscas em determinadas bases de dados utilizando o indexador “biblioteca comunitária”. Para sermos exatos escolhemos duas bases de dados que concentram a maior parte da literatura acadêmica produzida no Brasil – a Base de Dados Referenciais de Artigos e Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), que reúne artigos dos principais periódicos científicos brasileiros e a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), repositório de teses e dissertações publicadas no Brasil e no mundo mantida pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT).

Para essa pesquisa utilizamos o termo indexador “biblioteca comunitária” com a finalidade de encontrar publicações que tem como assunto tópico esse tipo de biblioteca. Na busca realidade foram recuperados 05 trabalhos na BDTD, dentre ele teses e dissertações e 19 artigos na BRAPCI. Para facilitar a visualização do resultado foram desenvolvidos dois quadros que apresentam brevemente as características apresentadas nos artigos de ambas as bases com as respectivas análises de resultados.

É importante ressaltar também que a busca realizada na BRAPCI, o termo “biblioteca comunitária” foi pesquisado na aba “todos os campos”, visto que, ao se pesquisar o termo como palavra-chave a pesquisa não retornava resultados. Na base da BDTD o termo foi pesquisado na aba de “assunto” visto que na aba “todos os campos” a pesquisa recuperava artigos fora da temática proposta.

BRAPCI

Aqui o artigo “Práticas extensionistas e ação bibliotecária” é recuperado duas vezes pois foi publicado em duas revistas diferentes.

Além disso, o trabalho “Projeto de instalação de uma biblioteca comunitária no centro cultural de Alegrete, sob a coordenação de Lourdes Gregol Fagundes da

Silva” não é propriamente um trabalho acadêmico, por mais que disserte sobre a importância do tipo de biblioteca aqui tratada.

O artigo “O rap como elemento desencadeador de informação e conhecimento” aparece duas vezes na busca, se trata da mesma revista. A única diferença é que aparece com o título em inglês em um e em português em outro, mas o texto é em português em ambos.

REFERÊNCIA	BREVE RESUMO	PALAVRAS-CHAVE
NININ, D. B. M. et al. Indicadores de circulação do acervo na biblioteca comunitária da universidade federal de São Carlos. Transinformação , Campinas, v. 27, n. 1, p. 59-71, jan./abr. 2015.	O trabalho visa fazer uma análise do uso do acervo da biblioteca comunitária de São Carlos, mas com o intuito de aplicar na manutenção de acervo de bibliotecas como um todo.	Análise de redes sociais; Bibliometria; Desenvolvimento de coleções; Estudo de usuários.
MARQUES, H. A. P.; PEREIRA, P. C. M. S. Impacto social de telecentro próximo à biblioteca comunitária sob a ótica do beneficiário: o caso chico mendes. Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS , Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 2014.	Através de entrevistas com usuários o trabalho busca estudar suas opiniões sobre a biblioteca comunitária Chico Mendes e o telecentro próximo e sobre a sua percepção de inclusão social. Apresenta ainda uma breve definição de biblioteca comunitária e telecentro.	Ciência da Informação; Biblioteconomia; Telecentro comunitário; Biblioteca comunitária; Inclusão digital; Auto percepção;
BLANK, Cintia Kath; SARMENTO, Patrícia Souza. Bibliotecas comunitárias: uma revisão da literatura. Biblionline , João Pessoa, v. 6, n. 1, p. 142-148, jan./dez. 2010.	Aponta o histórico, objetivos e características de bibliotecas comunitárias afim de melhor conceituar o termo, baseando-se em	Bibliotecárias comunitárias.

	uma revisão de literatura.	
SANTOS, Maria José Veloso da Costa; SENNA, Ana Maria; MIRANDA, Maria de Fátima. Biblioteca comunitária escritor Lima Barreto: espaço para práticas de mudanças sociais. Ponto de Acesso , Salvador, v. 4, n. 3, dez. 2010.	Apresenta um estudo de caso através de observação e questionário sobre a Biblioteca Comunitária Escritor Lima Barreto, tem por objetivo analisar o impacto causado pela biblioteca na comunidade.	Ciência da Informação; Bibliotecas comunitárias; Biblioteca Comunitária Escritor Lima Barreto; Comunidade da Maré (Rio de Janeiro; RJ); Mudança social
MACHADO, E. C.; PRADO, G. M. The rap as triggering of information and knowledge. Informação & Sociedade: Estudos , João Pessoa, v. 20, n. 1, jan./abr. 2010.	Tem por objetivo discutir o RAP como elemento informacional e a sua ligação com a criação de bibliotecas comunitárias na periferia de São Paulo.	Necessidades de informação; Acesso à informação; Rap - Brasil; Hip Hop - Brasil; Biblioteca comunitária; Territórios de memória.
MACHADO, E. C.; PRADO, G. M. O rap como elemento desencadeador de informação e conhecimento. Informação & Sociedade: Estudos , João Pessoa, v. 20, n. 1, jan./abr. 2010.	Tem por objetivo discutir o RAP como elemento informacional e a sua ligação com a criação de bibliotecas comunitárias na periferia de São Paulo.	Necessidades de informação; Acesso à informação; Rap - Brasil; Hip Hop - Brasil; Biblioteca comunitária; Territórios de memória.
MACHADO, Elisa Campos. Uma discussão acerca do conceito de biblioteca comunitária. Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação ,	Discorre sobre o conceito de biblioteca comunitária na área acadêmica e sua relação com os outros tipos	Biblioteca comunitária; Tipologia de bibliotecas.

Campinas, v. 7, n. 1, p. 80-94, jul./dez. 2009.	de biblioteca.	
PAJEÚ, H. L. M. R. et al. Uma nova proposta de classificação de histórias em quadrinhos. Biblionline , João Pessoa, v. 3, n. 2, p. 1-10, 2007.	Se baseia na gibiteca da biblioteca comunitária da Universidade de São Carlos para desenvolver um sistema de classificação para histórias em quadrinhos.	Histórias em quadrinhos; Sistema de classificação; Gibiteca.
MACHADO, E. C. Identidade cultural de Heliópolis: biblioteca comunitária. Informação & Sociedade: Estudos , João Pessoa, v. 15, n. 2, p. 113-125, jul./dez. 2005.	Disserta sobre o projeto de criação de uma biblioteca comunitária na favela de Heliópolis e sua importância para o acesso à leitura, o livro e à informação na comunidade.	Biblioteca comunitária; Projeto social; Projeto participativo; Inclusão sócio-cultural.
BASTOS, Gustavo Grandini; ALMEIDA, Marco Antônio de; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Bibliotecas comunitárias: mapeando conceitos e analisando discursos. Informação & Sociedade: Estudos , João Pessoa, v. 21, n. 3, p. 87-100, set./dez. 2011.	Busca conceituar a biblioteca comunitária através da revisão de literatura na área da ciência da informação.	Bibliotecas comunitárias; Discurso; Sentido; Informação; Sociedade.
PRADO, Geraldo Moreira. A biblioteca comunitária como agente de inclusão/integração do cidadão na sociedade da informação. Inc. Soc. , Brasília, DF, v. 3, n. 2, p.143-149, jan./jun. 2010.	Visa discutir o papel da biblioteca comunitária como território de memória na integração e inclusão social.	Biblioteca comunitária; Inclusão social; Sociedade da informação; Leitura; Política cultural; Território de memória.
MADELLA, R.; SOUZA, F. C. Bibliotecas comunitárias em florianópolis - sc: o olhar	Um estudo de caso comparativo entre quatro	Biblioteca comunitária; Leitura;

<p>de seus agentes. Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, Porto Alegre, v. 18, n. 3, jan./jun. 2012.</p>	<p>bibliotecas comunitárias de Florianópolis.</p>	<p>Representações sociais.</p>
<p>MATA, M. M. S. Biblioteconomia aplicada: experiência docente. Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 9, n. 17, p. 59-68, jan./jun. 2004.</p>	<p>Relata a experiência da autora no ensino de seu projeto de extensão acerca do processamento técnico do acervo da Biblioteca Comunitária da Fundação Videl Ramos.</p>	<p>Ensino de biblioteconomia; Biblioteca comunitária; Processamento técnico de acervo; Tecnologia da informação</p>
<p>BOTTENTUIT, A. M.; CASTRO, C. S. A. Práticas extensionistas e ação bibliotecária. Informação & Sociedade: Estudos, v. 13, n. 2, p. 265-277, João Pessoa, jul./dez. 2003.</p>	<p>Disserta sobre as vivências do curso de extensão de biblioteconomia na UFMA, onde foram feitos seminários, leitura e práticas leitoras para a assistência ao usuário e, que teve como resultado, a criação de uma biblioteca comunitária pelos alunos e pela comunidade.</p>	<p>Serviços comunitários; Ação bibliotecária; Extensão universitária; Curso de biblioteconomia; UFMA.</p>
<p>BOTTENTUIT, A. M.; CASTRO, C. S. A. Prática extensionista e ação bibliotecária. Infociência, São Luís, v. 3, n. 1, p. 115-123, 2003.</p>	<p>Disserta sobre as vivências do curso de extensão de biblioteconomia na UFMA, onde foram feitos seminários, leitura e práticas leitoras para a assistência ao usuário e, que teve como resultado, a</p>	<p>Extensão universitária - Curso de biblioteconomia - UFMA; Serviços à comunidade; Ação bibliotecária.</p>

	criação de uma biblioteca comunitária pelos alunos e pela comunidade.	
BADKE, T. S. Meninos de laranjeiras: aprendendo a viver com livros. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação , v. 17, n. 3/4, p. 43-60, 1984.	Uma pesquisa feita com meninos em idade escolar que frequentam a biblioteca comunitária para identificar suas necessidades informacionais e opiniões. Apresenta também auxílio aos moradores para manter a biblioteca.	Biblioteca comunitária; Estudos de usuário; Escola.
BRECKENFELD, Maria Cristina Oliveira; PIMENTEL, Edna Maria Sitônio. Biblioteca Popular de Casa Amarela: Uma Experiência de Biblioteca Comunitária. Cadernos de Biblioteconomia , Recife, v. 6, n. 1, p. 9-14, jun. 1983.	Relato das mudanças feitas na Biblioteca Popular da Casa Amarela com o intuito de mudar a visão da biblioteca de “acessível aos intelectuais” para “acessível à todos”.	Biblioteca Popular de Casa Amarela; Biblioteca comunitária.
MIRANDA, A. Projeto de instalação de uma biblioteca comunitária no centro cultural de Alegrete, sob a coordenação de Lourdes Gregol Fagundes da Silva. Revista de Biblioteconomia de Brasília , Brasília, v. 7, n. 2, p. 257-258, jul./dez. 1979.	Não se trata de um artigo, e sim uma recessão escrita por Antonio Miranda sobre a importância de bibliotecas e a necessidade da criação de uma biblioteca comunitária em Alegrete.	Não possui palavras-chave.
FERREIRA, C. N. C. Biblioteca pública é biblioteca escolar? Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação , v. 11, n. 1/2, p. 9-16, jan./jun. 1978.	Disserta sobre os objetivos e características das bibliotecas públicas e escolares e vê a biblioteca comunitária como uma	Biblioteca pública; Biblioteca escolar.

	fusão das duas.	
--	-----------------	--

Fonte: Elaborado pelo autor (2016).

Ao refazer a pesquisa em “todos os campos”, mas dessa vez juntando “biblioteca comunitária” e “acesso à informação” foram recuperados 3 registros. Sendo todos eles apresentados no quadro anterior:

REFERÊNCIA
MACHADO, E. C.; PRADO, G. M. O rap como elemento desencadeador de informação e conhecimento. Informação & Sociedade: Estudos , João Pessoa, v. 20, n. 1, jan./abr. 2010.
MACHADO, E. C. Identidade cultural de Heliópolis: biblioteca comunitária. Informação & Sociedade: Estudos , João Pessoa, v. 15, n. 2, p. 113-125, jul./dez. 2005.
SANTOS, Maria José Veloso da Costa; SENNA, Ana Maria; MIRANDA, Maria de Fátima. Biblioteca comunitária escritor Lima Barreto: espaço para práticas de mudanças sociais. Ponto de Acesso , Salvador, v. 4, n. 3, dez. 2010.

Fonte: Elaborado pelo autor (2016).

Através dos dados que a pesquisa da BRAPCI pôde nos proporcionar foi possível fazer algumas conclusões. Em primeiro lugar o ano em que mais se escreveu sobre bibliotecas comunitárias foi 2010, seguido de 2003.

year	quant.
2015	1
2014	1
2012	1
2011	1
2010	5
2009	1
2007	1
2005	1
2004	1
2003	2
1984	1
1983	1
1979	1
1978	1

Fonte: Site da BRAPCI¹²

Quanto aos autores, pode-se ver que Elisa Machado é a que mais escreveu sobre o assunto. Em segundo temos Geraldo Prado e em seguida Aldinar Bottentuit.

author	quant.
MACHADO, Elisa Campos	4
PRADO, Geraldo Moreira	3
BOTTENTUIT, Aldinar Martins	2
CASTRO, César Augusto	2
ALMEIDA, Marco Antônio de	1
AMARAL, Roniberto Morato	1
BADKE, Todéska	1
BASSOLI, Maira Ester	1
BASTOS, Gustavo Grandini	1
BLANK, Cintia Kath	1
BRECKENFELD, Maria Cristina Oliveira	1
FARIA, Leandro Innocentini Lopes de	1
FERREIRA, Carminda Nogueira de Castro	1
LIMA, Thais Aparecida	1
MADELLA, Rosangela	1
MAIA, Christina Marchetti	1

Fonte: Site da BRAPCI¹³

Outra área de importância a ser citada aqui é o assunto abordado por cada um dos artigos. Separamos três tipos de assuntos que foram abordados referentes aos artigos encontrados na pesquisa, sendo eles, “biblioteca comunitária no geral”, “estudo de caso de biblioteca comunitária” e “outros”. Sendo “outros” o tipo que mais se afasta da temática de bibliotecas comunitárias e seria menos aproveitado em

¹² Disponível em:

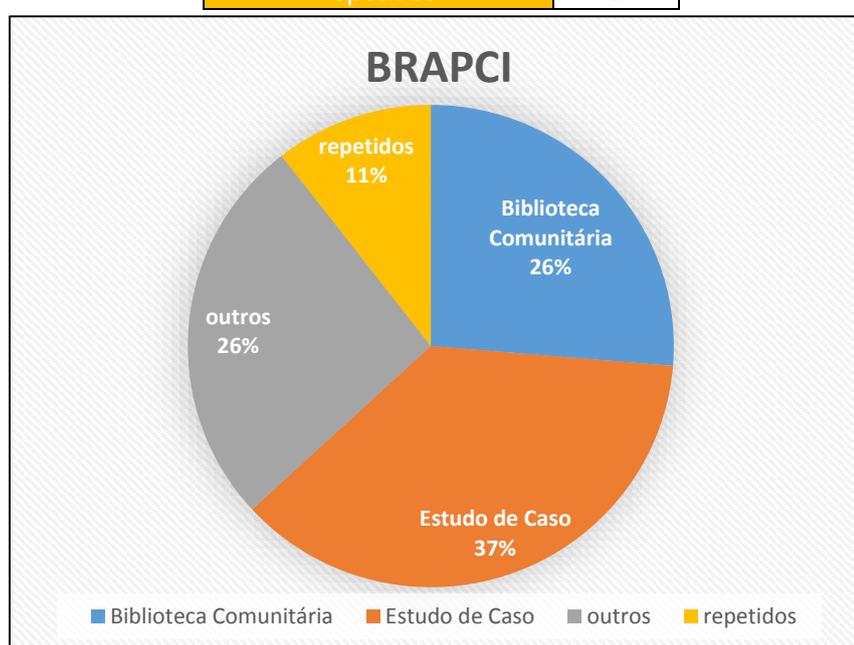
<<http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/?dd1=biblioteca+comunitaria&dd2=0&dd3=1972&dd4=2017&dd5=0>> Acesso em 22 de maio de 2016

¹³ Disponível em:

<<http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/?dd1=biblioteca+comunitaria&dd2=0&dd3=1972&dd4=2017&dd5=0>> Acesso em 22 de maio de 2016

uma pesquisa que tivesse interesse na literatura da área. Na pesquisa que recuperou 19 documentos, 5 foram vistos como “biblioteca comunitária no geral”, 7 como “estudo de caso de biblioteca comunitária” e 5 como “outros”. Houveram também dois artigos repetidos.

BRAPCI	
Biblioteca Comunitária	5
Estudo de Caso	7
outros	5
repetidos	2



Fonte: Elaborado pelo autor (2016).

Como é possível enxergar através do gráfico, na BRAPCI, há uma porcentagem maior de artigos relacionados a estudos de casos de bibliotecas comunitárias do que artigos que realmente tratem a biblioteca comunitária como um todo. Na verdade, há uma porcentagem igual de artigos que não satisfazem e artigos que falam de bibliotecas comunitárias especificamente.

É importante ressaltar também que a maioria dos artigos se baseiam nas ideias de Machado ou Prado. O artigo de Prado é dos mais importantes para a temática visto o olhar novo que dá às bibliotecas comunitárias como território de memória e Machado é a base de todos os trabalhos, sejam estudos de caso ou trabalhos mais gerais. As ideias expostas por Machado estão presentes em quase

todos os trabalhos recuperados. Sendo assim, mesmo os trabalhos que tratam de bibliotecas comunitárias no geral acabam por não apresentar ideias novas e sim repetições do que disseram os especialistas da área.

Há ainda o artigo “Biblioteca pública é biblioteca escolar? ” que, como foi dito na tabela, trata das diferenças destes dois tipos de biblioteca e aponta biblioteca comunitária como uma junção das duas bibliotecas. Neste trabalho, por outro lado, biblioteca comunitária é tratada como um tipo único de biblioteca que surge, se mantém e funciona a partir de necessidades únicas de uma comunidade. Se olharmos de forma geral, como surge, sua importância, o que é e o que a diferencia podemos ver as diferenças desta em relação às bibliotecas tratadas no artigo.

O artigo “Indicadores de circulação do acervo na biblioteca comunitária da universidade federal de São Carlos” busca tratar da análise do uso do acervo na biblioteca apresentada, mas busca aplicar isto para bibliotecas no geral. Como foi disto neste trabalho, as bibliotecas comunitárias normalmente possuem acervos vindos de doação da comunidade, logo é um acervo vasto e diversificado. É complicado pensar numa análise de uso de um acervo deste tipo e de forma igual pensar no acervo de uma biblioteca universitária, por exemplo, que raramente possui doações e é feito a partir do requerimento de alunos e professores.

Pode-se ver que os artigos recuperados ainda possuem problemas na nomenclatura e na definição de biblioteca comunitária. Mas ao mesmo tempo parece que o interesse por este tipo de biblioteca está vivo na comunidade acadêmica, como é possível ver pelos 37% de estudos de caso apresentados na busca.

BDTD

REFERÊNCIA	BREVE RESUMO	PALAVRAS-CHAVE
COSTA, Lêda Maria Ramos. Bibliotecas de carátes público e práticas leitoras. 2011. 227 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.	O trabalho busca apresentar a importância de bibliotecas públicas para as práticas leitoras e para o fortalecimento da cidadania, segue ainda para uma revisão de	Biblioteca Pública; Biblioteca Comunitária; Leitura

	literatura sobre as diferenças entre bibliotecas públicas e comunitárias.	
BERNARDES, Jacira Gil. Democratização do acesso à leitura e à informação : a construção coletiva de um equipamento cultural. 2013. 131 f. Dissertação (Mestrado) - Centro universitário La Salle, Canoas, 2013.	Busca apresentar e contar a história da Casa das Juventudes, onde funciona um projeto social voltado para jovens.	Leitura; Juventude; Educação Popular; Equipamento cultural; Biblioteca.
MACHADO, Elisa Campos. Bibliotecas Comunitárias Como Prática Social No Brasil . 2008. 184 f. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.	Tem como objetivo definir bibliotecas comunitárias, diferenciá-la dos outros tipos de bibliotecas, apresentar sua importância e dissertar sobre as políticas públicas relacionadas às bibliotecas públicas e comunitárias.	Biblioteca comunitária; Biblioteca pública; Políticas públicas para bibliotecas.
Torres, Cristiane Batista Bezerra. Fatores Intervenientes No Processo De Busca E Obtenção De Informação Em Uma Biblioteca Universitária Por Usuários Da área De Odontologia . 2001. 143 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2001.	Busca apresentar os fatores que intervêm na busca de informação na Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco.	Estudo de usuário; Biblioteca – Usuário – Odontologia; Biblioteca Universitária.
SILVA, Ana Claudia Perpétuo de Oliveira da. É preciso estar atento : a ética no pensamento	Tem por objetivo estudar os motivos dos idealizadores de	Bibliotecas comunitárias – Lideranças; Ética;

expresso dos líderes de bibliotecas comunitárias. 2011. 386 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.	bibliotecas comunitárias, para isso, apresenta entrevistas com “líderes” de bibliotecas comunitárias de todo o Brasil.	Bibliotecas comunitárias; Bibliotecas públicas; Bibliotecários.
--	--	---

Fonte: Elaborado pelo autor (2016).

Ao refazer a pesquisa em “todos os campos”, mas dessa vez juntando “biblioteca comunitária” e “acesso à informação” foram recuperados 3 registros. Sendo todos eles apresentados no quadro anterior. Desta vez não foi possível fazer a pesquisa na aba de “assunto” pois esta não recuperou nenhum resultado.

REFERÊNCIA
MACHADO, Elisa Campos. Bibliotecas Comunitárias Como Prática Social No Brasil . 2008. 184 f. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
Torres, Cristiane Batista Bezerra. Fatores Intervenientes No Processo De Busca E Obtenção De Informação Em Uma Biblioteca Universitária Por Usuários Da área De Odontologia . 2001. 143 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2001.
BERNARDES, Jacira Gil. Democratização do acesso à leitura e à informação: a construção coletiva de um equipamento cultural . 2013. 131 f. Dissertação (Mestrado) - Centro universitário La Salle, Canoas, 2013.

Fonte: Elaborado pelo autor (2016).

Nesta plataforma, o ano em que mais se publicou sobre bibliotecas comunitárias foi 2011 (02 dissertações). Na área de autor e localidade há empate, cada autor e instituição aparece com um único trabalho.

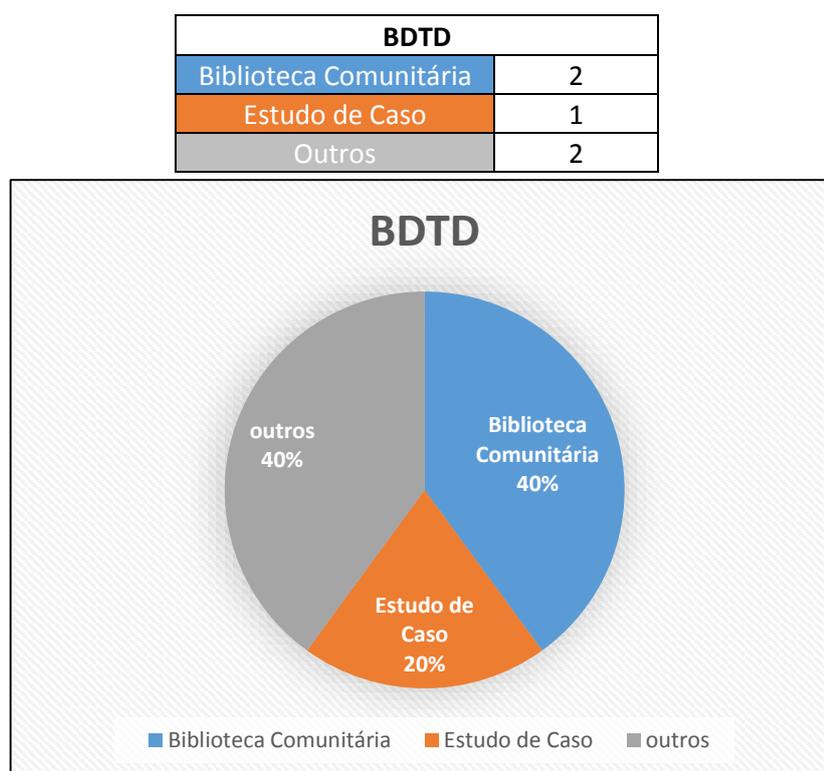
Autor ▲	
Costa, Lêda Maria Ramos	1
Cristiane Batista Bezerra Torres	1
Elisa Campos Machado	1
Jacira Gil Bernardes	1
Silva, Ana Claudia Perpétuo de Oliveira da	1

Fonte: Site da BDTD¹⁴

Instituição ▲	
UFBA	1
UFMG	1
UFRGS	1
UFSC	1
USP	1

Fonte: Site da BDTD¹⁵

No que diz respeito ao que trata cada publicação, foi concluído que, há 1 texto que trate de “biblioteca comunitária no geral”, 1 que trata de “estudo de caso de biblioteca comunitária” e 2 que foram entendidos como “outros”.



Fonte: Elaborado pelo autor (2016).

¹⁴ Disponível em: <

<http://bdtb.ibict.br/vufind/Search/Results?lookfor=biblioteca+comunitaria&type=Subject>> Acesso em 22 de maio de 2016

¹⁵ Disponível em: <

<http://bdtb.ibict.br/vufind/Search/Results?lookfor=biblioteca+comunitaria&type=Subject>> Acesso em 22 de maio de 2016

Na BDTD, dos 5 artigos que foram resgatados, apenas 2 realmente tratam de bibliotecas comunitárias especificamente. Um deles é a tese de doutorado de Machado, o trabalho no qual, não só este, mas todos os outros acabam por utilizar de base.

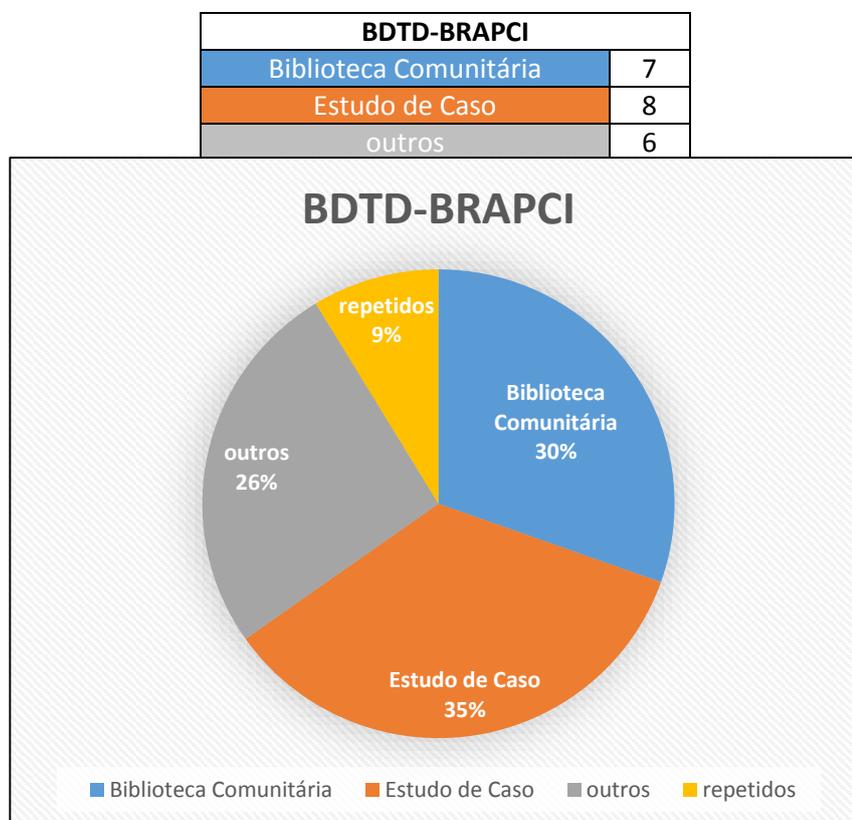
O trabalho “É preciso estar atento: a ética no pensamento expresso dos líderes de bibliotecas comunitárias” busca estudar um pouco mais sobre as pessoas que estão por trás destes projetos. Porém, neste trabalho discordamos da nomenclatura de líder, como foi estudado aqui, a biblioteca comunitária não possui um dono. Este tipo de biblioteca normalmente funciona por meio da gestão colaborativa. Por outro lado, é interessante estudar as pessoas que tiveram a ideia ou auxiliaram no processo de dar vida a este tipo de causa.

O trabalho “Bibliotecas de caráter público e práticas leitoras” trata mais especificamente de bibliotecas públicas e práticas de leitura dentro desta. Faz uma breve diferenciação entre bibliotecas públicas e comunitárias apontando tudo que foi mostrado neste trabalho sobre esses dois tipos de bibliotecas. Este trabalho foi colocado na categoria “outros” visto que trata especificamente de bibliotecas públicas e fala apenas brevemente de bibliotecas comunitárias, e mesmo assim trata apenas de suas diferenças com bibliotecas públicas.

No total foram encontrados 24 artigos nas duas bases de dados quando foi feita a pesquisa sobre bibliotecas comunitárias. A BRAPCI não disponibiliza a quantidade total de artigos, mas levando em conta que a BDTD possui 365.413 documentos e foram resgatados apenas 5 na pesquisa, pode-se ter uma ideia de quão pequeno é o estudo sobre a área.

Outro fato importante a se levar em consideração é o gráfico a seguir que mostra a porcentagem do assunto tratado por cada artigo encontrado dentro da temática “bibliotecas comunitárias”. Por mais que os números não estejam muito distantes pode-se perceber que há mais estudos de caso do que artigos que falem especificamente sobre bibliotecas comunitárias (alguns do que falam ainda assim possuem estudos de caso). Também é importante a quantidade de artigos no assunto “outros”, este resultado pode estar baseado na confusão que ainda persiste

acerca do conceito de biblioteca comunitária, sendo assim o documento acaba sendo rotulado erroneamente.



Fonte: Elaborado pelo autor (2016).

Por último, é visível que Machado é a autora que mais escreve sobre o assunto. Senão todos a maioria dos artigos apresentados e usados no desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso ou são baseados ou citam repetidamente seus artigos. Logo, é difícil fugir da repetição de ideias e apontamentos sobre a temática, visto que a maioria dos trabalhos lidos para este trabalho volta para a mesma autora.

É possível observar também a falta de literatura da temática e a falta de cuidado na hora de escolher as palavras-chaves de um assunto que se conhece tão pouco. Justificamos assim a importância deste trabalho para que a temática tratada possa ser vista com novos olhos e melhor estudada.

5 BIBLIOTECA COMUNITÁRIA DO ENGENHO DO MATO – UM ESTUDO DE CASO

Para ilustrar toda a revisão de literatura apresentada até aqui foi feito um estudo de caso com a Biblioteca do Engenho do Mato – BEM. Achamos importante apresentar um exemplo do que a literatura da área nos mostra, e assim fazer com que este trabalho esteja o mais próximo possível da realidade.

A BEM está localizada na rua Cinquenta do bairro Engenho do Mato em Itaipu. Sua história não começa imediatamente como uma biblioteca comunitária, a ideia da BEM veio de um outro projeto chamado Roda Cultural do Engenho do Mato. A Roda Cultural era realizada na pracinha do Engenho do Mato, realizada em frente ao terreno da BEM.

No começo era uma simples reunião de amigos aos Domingos para praticar música e batalhas de rimas de hip hop. Com a ajuda da comunidade o encontro foi se expandindo aos poucos, pedindo auxílio de comerciantes locais foi possível conseguir iluminação, palcos e tendas. A Roda Cultural passou a acontecer todos os Domingos na praça, era um projeto feito espontaneamente pela comunidade. A atração principal do evento eram as batalhas de rimas, mas, paralelamente a isso, haviam grafite, escultura ou qualquer outra atração que a comunidade trouxesse. Havia também a biblioteca móvel, e foi daí que o projeto da BEM começou a nascer.

A biblioteca móvel consistia de algumas poucas estantes de livros nas quais os interessados podiam doar ou pegar livros sem a obrigação de devolvê-los. Ao longo de três anos houveram mais de 500 livros circulando, como nos foi informado em conversa com um dos voluntários. Os livros doados começaram a se acumular e um grupo de voluntários envolvido com a Roda Cultural percebeu no antigo prédio de biblioteca abandonada da escola pública da região uma resolução para o problema.

O CIEP Ruy Frazão Soares, escola pública do Engenho do Mato, possui biblioteca escolar, mas, ao conversar com alunos e moradores foi constatado que a biblioteca raramente se encontra aberta. Além disso, a biblioteca pública mais próxima, que seria a Biblioteca Parque de Niterói, fica a mais aproximadamente 25

km do bairro do Engenho do Mato. Ou seja, como foi visto neste trabalho nas subseções anteriores, onde o Estado falha com a comunidade em disponibilizar informação e cultura é onde nasce uma biblioteca comunitária.

O prédio onde hoje a BEM está instalada fica localizado em um terreno anexo ao colégio. Antigamente havia sido uma biblioteca do colégio, mas estava desativado e sendo invadido por usuários de drogas, por exemplo. De início os voluntários buscavam apenas revitalizar o prédio que estava sujo, pichado, sem água e luz, mas acabou se transformando em uma biblioteca comunitária. É bom ressaltar que o colégio apoia a biblioteca comunitária e concordou em ceder o terreno, tanto que, a água e a luz da biblioteca são providas pelo colégio.

Os objetivos da BEM são promover a transformação social e cultural através dos projetos de educação, arte e de leitura na comunidade e para a comunidade, além de, ser uma biblioteca totalmente pronta. Por mais que tenha um acervo de aproximadamente 2 mil livros, a BEM ainda não está totalmente catalogada e faz seus empréstimos manualmente, por mais que conte com a base de dados BibLivre¹⁶. Sua organização é feita através de assuntos da forma mais simples possível, pois, foi visto que, sem a ajuda de um bibliotecário a Classificação Decimal de Dewey (CDD) não seria possível.

O grupo de gestão da BEM é formado por aproximadamente 10 pessoas da comunidade, porém não há hierarquia e todas as decisões são tomadas a partir da demanda da comunidade. Além disso, no grupo de gestão não há bibliotecários o que, segundo os voluntários, torna o trabalho bem mais difícil. Todos os professores que participam dos projetos também são voluntários da biblioteca. Mas o que acontece é que na verdade, voluntários mesmo são dezenas, como é possível ver pelo grupo no facebook. O grupo é aberto a quem quiser participar e mostra diariamente tanto eventos e projetos da BEM como qualquer coisa relacionada a comunidade. Sendo assim, não só moradores do Engenho do Mato, mas qualquer um que possua alguma forma de auxílio pode se voluntariar ao projeto, toda a ajuda

¹⁶ A base de dados BibLivre é gratuita para catalogação e difusão dos acervos de bibliotecas, sendo assim a base permite comunicação entre acervos de diferentes bibliotecas ao redor do mundo. A base oferece tudo que uma base paga de bibliotecas oferece, além do cadastro de bibliotecas, só no Rio de Janeiro já são 347 bibliotecas cadastradas. Para utilizar é necessário apenas o download do programa. A BEM ainda não está cadastrada, seu acervo ainda está em fase de catalogação e organização. Disponível em: < <http://biblivre.org.br/index.php> > Acesso em 01 de maio de 2016

é bem-vinda. Temos aqui um exemplo da proposta de Prado (2010) sobre bibliotecas comunitárias como território de memória em que sua gestão é participativa e toda comunidade é bem-vinda ao processo de tomada de decisões.

Se seguirmos o quadro apresentado anteriormente e produzido a partir das ideias de Machado e Vergueiro (2010), caracterizamos a BEM como uma biblioteca comunitária que nasceu da iniciativa coletiva interna, visto que seus voluntários eram aproximadamente 10 pessoas em um primeiro momento e que estes eram moradores da região. Como não houve ainda ajuda de nenhuma empresa privada ou de moradores de fora, não é uma iniciativa coletiva externa.

Hoje, os voluntários veem a biblioteca como um ponto de encontro de cultura e aprendizagem cuja importância está no desenvolvimento do hábito da leitura, na socialização dos alunos e da comunidade e no contato com a informação e conhecimento. A biblioteca comunitária está ali para tapar o buraco deixado pela falta que faz a biblioteca escolar e a biblioteca pública. Cabe aqui a citação de Bastos; Almeida e Romão (2011, p.94) apresentada anteriormente e que ilustra a importância da BEM na sua comunidade:

[...] não é mais preciso vir uma instituição rica dar livros aos pobres. Agora os excluídos organizam-se para dar a si mesmos a biblioteca que julgam merecer. [...] A biblioteca, concebida como pólo transformador, é compreendida como fator indispensável nessas instituições, transformando-se em um recurso de valor cultural, econômico, educativo, histórico, político e social para as comunidades.

Na BEM, os alunos trocam conhecimentos, interesses, tem acesso a livros diversos, aprendem a pensar criticamente, descobrem aptidões e profissões, além de terem vários projetos com os quais se entreter e crescer. O que é um exemplo da missão de uma biblioteca comunitária proposta por Guedes (2010) anteriormente que seria reduzir as desigualdades de acesso, contribuição para formação cidadã, estimular a leitura e disponibilizar recursos informacionais e de comunicação.

Temos que admitir, porém, que a BEM segue a falha proposta por Almeida Júnior (1997) em relação a bibliotecas comunitárias. A BEM realmente peca em atender sua função informacional em sua totalidade, não só por falta de material tecnológico, mas também na organização de seu acervo e no atendimento. É uma dificuldade para todas as bibliotecas comunitárias conseguir atender

satisfatoriamente essa função. Mas não quer dizer que isso as torne menos efetivas em sua comunidade ou menos importantes.

Atualmente, os principais projetos da BEM são, capoeira, dança, kung-fu, grupo de botânica, atividades circenses e redação para o ENEM. Há também os eventos que ocorrem por demandas da comunidade, um bom exemplo aconteceu logo no começo do projeto. Ao lidar com o problema da pichação no começo da biblioteca, os voluntários da gestão tiveram a ideia de dar um espaço aos pichadores. Sendo assim, eles pichavam em quadros e papelão e seus trabalhos eram expostos na BEM, ao entrar é possível ainda ver alguns quadros de pichação na biblioteca. Este fato pode ser enquadrado na definição de biblioteca como território de memória proposta por Prado (2010) e apresentada neste trabalho, os quadros de pichações são uma pequena parte da história da comunidade, apresentam algo sobre o que a comunidade é de verdade e o que está oferecendo e representa. Há também projetos que não acontecem dentro da BEM mas os alunos que se interessam são encaminhados para o professor voluntário, é o caso das aulas de desenho e fotografia.

A comunidade recebe bem a biblioteca, principalmente os alunos do colégio que acabam se interessando pelos livros e por novas áreas de interesse que o ambiente acaba por mostrar. O curso de inglês, por exemplo, busca dar aos alunos um reforço da matéria aprendida no colégio. Além da área acadêmica a BEM também é espaço para prática de dança e capoeira, atividades que antes, eram feitas na calçada da rua em frente. Alguns alunos, inclusive, ganharam bolsa em escolas de dança. A biblioteca pode ser vista também como uma alternativa, uma forma de tirar as crianças das ruas e mostrar que há mais a ser feito, que existem diversas áreas e hobbies pelos quais se interessar. Pode-se ver a importância que a comunidade dá a biblioteca pelo fato de que, desde sua revitalização, o prédio não foi mais depredado. Em conversas, podemos concluir que a BEM passou meses sem portas e nada foi tirado ou quebrado dentro do espaço.

Como foi visto ao longo deste trabalho, a biblioteca comunitária surge da vontade e do desejo da sua comunidade por informação, cultura e conhecimento, por acesso ao que não podem ter a partir do governo. A BEM é um exemplo disso como pode ser visto pela falta de conexão entre a comunidade e as bibliotecas

pública e escolar que deveriam lhe servir. Além disso, é uma característica da biblioteca comunitária a sua forte relação com a comunidade, por mais que a BEM tenha sido criada por um grupo de voluntários todos os projetos e eventos que são criados partem da demanda de sua comunidade. Um exemplo interessante do porque esta biblioteca expressa “a cara da sua comunidade”, como apontam os autores vistos neste trabalho, é que o prédio, antes pichado e sujo, foi recentemente coberto com grafites de moradores.

A BEM se diferencia dos outros tipos de bibliotecas por diversos motivos. Se diferencia da biblioteca pública por ser desvinculada do Estado, que é uma das características principais propostas por Machado (2009). Se diferencia da biblioteca escolar visto que não está ligada ao currículo escolar do colégio ao qual está próxima e nem pensa nisto ao escolher os livros que irão para as estantes. É importante apresentar mais uma vez as características propostas por Machado (2009, p.89) para ilustrar que a BEM se enquadra perfeitamente na nomenclatura que recebe.

1. a forma de constituição: são bibliotecas criadas efetivamente pela e não para a comunidade, como resultado de uma ação cultural.
2. a perspectiva comum do grupo em torno do combate à exclusão informacional como forma de luta pela igualdade e justiça social.
3. o processo participativo gerando articulação local e forte vínculo com a comunidade.
4. a referência espacial: estão, em geral, localizadas em regiões periféricas.
5. o fato de não serem instituições governamentais, ou com vinculação direta aos Municípios, Estados ou Federação.

No caso da BEM, nos parece que a biblioteca foi sim, criada pela e para a comunidade, visto que busca atender suas necessidades, então enxergamos como que sua criação fosse para ajudar e atender a si própria.

Para o futuro a BEM pretende se institucionalizar como associação para conseguir recursos de forma mais fácil. Assim como a maioria das bibliotecas comunitárias sem ajuda de empresas privadas o principal problema da BEM é a falta de recursos financeiros para desenvolver e crescer, ou até mesmo se manter

simplesmente. Em questão de recursos humanos não há problema, visto que os voluntários estimam que mais de uma dezena de pessoas passa pela BEM todos os dias. No grupo do Facebook aparecem também as iniciativas como mutirões para melhorar a biblioteca, trabalhando para dar conta do processamento técnico (catalogação dos itens); para manter o terreno, entre outros. Mas todo o material é doado pelos moradores, até para galões de água há uma vaquinha entre os voluntários.

Além disso, a BEM pretende estar com seu acervo totalmente catalogado no sistema e com o empréstimo funcionando por meio da base de dados. Mas para que tudo isso aconteça, são necessários recursos. E no momento, o foco dos voluntários é fazer com que a institucionalização aconteça. Mas é importante deixar claro que este processo não pretende tirar a biblioteca da gestão de sua comunidade ou mudar a forma de tomada de decisões. A gestão continua comunitária, mas todo o processo será oficializado.

Outra ideia da gestão é transformar a biblioteca em um ponto de cultura. O que ajudaria muito nos desenvolvimentos dos projetos atuais e dos futuros. Um dos pedidos da comunidade é fazer um pré-vestibular na biblioteca, mas seriam necessárias máquinas de xerox e mais professores voluntários. Projetos como o de dança, por exemplo, não possuem figurinos ou espaço próprio. Os ensaios são feitos logo no salão principal da biblioteca, com os livros e computador em volta. Sendo aceita como ponto de cultura, a biblioteca poderia receber uma ajuda, mesmo que pouca, do governo para melhorar seus projetos e expandir seu ambiente.

É importante diversificar os meios de recursos, a comunidade não quer depender exclusivamente do poder público ou de empresas privadas, mas infelizmente outros meios talvez não sejam tão eficazes. Atualmente a biblioteca recebe o que consegue através do bazar, rifas e coisas do gênero. Pedindo ajuda através de redes sociais e das mais diversas formas de divulgar o projeto para toda a cidade. A biblioteca disponibiliza também um canal na internet para doações individuais para todos os interessados¹⁷.

¹⁷ Disponível em: < <http://projotobem.wix.com/projotobem> > Acesso em 20 de abr. de 2016.

Como foi visto ao longo deste trabalho, Machado (2008) coloca uma das características da biblioteca comunitária como sendo a falta de dependência do Estado e a conexão que a biblioteca apresenta com sua comunidade. Foi apresentada aqui a profunda ligação que a BEM, mesmo tendo pouco mais de 3 anos, apresenta com sua comunidade e o quanto estes estão interessados em ajudá-la a se tornar uma biblioteca mais bem preparada.

Definindo comunidade mais uma vez, conforme Machado (2009) como um grupo de pessoas que divide ou não o mesmo ambiente habitacional e que possuem interesses ou objetivos em comum, a comunidade do Engenho do Mato faz jus a sua definição visto que se organiza com o objetivo de melhorar sua qualidade de vida e acesso informacional. A Roda Cultural até hoje lota a praça e a BEM fica aberta durante todo o evento sendo visitada a todo momento por alunos, pais e moradores no geral. Durante o evento é possível ver com facilidade o quanto os moradores trabalham em conjunto para fazer com que seu projeto seja o melhor possível.

A BEM é um exemplo de tudo que foi visto ao longo deste trabalho. Sem a biblioteca escolar e sem a biblioteca pública a comunidade se une e por si só corre atrás de seus direitos informacionais. Os alunos nos contam que quando conseguem acesso à sua biblioteca escolar está raramente possui os livros de que necessitam e eles acabam tendo que recorrer à biblioteca comunitária. A criação deste espaço foi concebida por um grupo de pessoas que tinha como objetivo livrar a comunidade de um “escuro” informacional e cultural que foi apresentado anteriormente neste trabalho. Hoje, podemos ver troféus nas estantes da BEM de competições de dança, alguns alunos inclusive conseguiram bolsas integrais em escolas de dança.

Uma biblioteca comunitária feita pela e para sua comunidade, a BEM vai além de um espaço voltado para a leitura e educação, é um ambiente cultural, o único a qual boa parte dessas pessoas já teve acesso. É importante que este e outros ambientes similares a BEM recebam ajuda e sejam reconhecidos pelo governo, não se pode continuar a ignorá-los e deixá-los à sua própria sorte. Projetos como esse podem, aos poucos, mudar a vida e a mentalidade de uma comunidade como um todo, de pessoa em pessoa esses projetos fazem a diferença. E no Engenho do Mato temos uma ligeira impressão do que este tipo de ação comunitária pode fazer.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolvimento deste trabalho tivemos dificuldade de encontrar material mais diferenciado e abrangente sobre a área. Como foi dito, a maior parte da literatura sobre bibliotecas comunitárias vem de Machado, e a maior parte dos trabalhos escritos se baseia na autora para apontar suas ideias. Foi difícil fugir da repetição de ideias e argumentos mas tentamos o possível para apresentar um olhar mais completo sobre bibliotecas comunitárias. A pouca literatura sobre a área não ajudou, mas, por outro lado, a disponibilidade e ajuda dos voluntários da biblioteca foi de grande importância para que este trabalho pudesse ser finalizado.

Foi possível constatar, através da revisão de literatura exposta neste trabalho, que as bibliotecas comunitárias são uma parte pouco tratada da área de biblioteconomia. Mas, o pouco que apresenta este tema possui suas discordâncias no que se refere à denominação de “biblioteca comunitária”.

Neste trabalho denominamos biblioteca comunitária como sendo um projeto feito por voluntários moradores ou não da comunidade e que tem como objetivo mudar um cenário informacional que os desagrada naquele ambiente. Além disso, este tipo de biblioteca não possui ajuda direta do governo, visto que não é mantida por este e sim pelos seus voluntários com os quais possui uma relação única e de troca. A biblioteca oferece conhecimento ao mesmo passo em que a comunidade oferece os recursos que a mantem.

Foi possível concluir também que um dos principais fatores que levam a criação de uma biblioteca comunitária é a falta de bibliotecas públicas e escolares. Estas, quando estão inseridas próximas à comunidade, não atendem totalmente seus usuários e não mantem um vínculo com eles.

As políticas públicas que nosso país possui até o momento não abrangem bibliotecas comunitárias. O que nos leva a crer que estas são ignoradas pelo governo, não importando a diferença que fazem para aqueles que se utilizam de seus serviços. A Biblioteca do Engenho do Mato ilustra bem isso, a Prefeitura de Niterói não oferece nenhum tipo de apoio aos projetos desenvolvidos no espaço ou em tornar o ambiente de fato público ou vinculado ao colégio de forma oficial. O que

é bom visto de certo ângulo, pois a biblioteca comunitária precisa ter a identidade de sua comunidade, não de seu governo.

Este trabalho procura tornar visível este tipo de projeto em comunidades periféricas de forma a ser levado a sério não só pelo governo, mas também pela comunidade acadêmica. Foi nos dito mais de uma vez que a BEM não só sente a necessidade, mas agora vê o trabalho do bibliotecário como indispensável. Cabe a nós, como profissionais da informação auxiliar estas pessoas que buscam nada mais do que a própria e informação. Se não é possível contarmos com políticas públicas que auxiliem este tipo de biblioteca, seria bom que os bibliotecários tivessem maior conhecimento e interesse desta área, não só na graduação, mas em sua vida profissional.

Para BEM e para qualquer outra biblioteca comunitária é difícil se manter, mas os benefícios que trazem as suas comunidades são visíveis ao longo dos anos. É preciso trabalho e dedicação para que estes trabalhos cresçam e para que cada vez mais periferias estejam incluídas na sociedade informacional em que vivemos. É uma mudança a longo prazo, mas que transforma vidas e comunidades, muda a forma de pensar e agir, dá acesso à leitura, informação e conhecimento, desenvolve o pensamento crítico, apresenta novas atividades e hobbies além de ajudar a descobrir profissões, amizades e conhecer um pouco melhor a história do lugar em que vive. A exemplo da BEM, o grafite nas paredes, os quadros de pichação, a dança e a batalha de hip hop, cada uma dessas atividades mostra um pouquinho do que há naquela comunidade, do que são feitos aqueles jovens e do destino que buscam.

Consideramos este trabalho de plena importância para os profissionais da área visto que, é importante que estes comecem a falar realmente de bibliotecas comunitárias. Na graduação o assunto não é sequer tratado e o profissional pode acabar concluindo o curso sem saber suas particularidades e diferenças em relação às outras bibliotecas. Além de que, nos, como bibliotecários, como mediadores da informação, temos que olhar para este tipo de projeto com orgulho e admiração. A população não está esquecendo as bibliotecas devido ao aumento da tecnologia, algumas comunidades ainda enxergam a importância deste espaço para o seu

crescimento intelectual. É nosso dever conhecer estes lugares e auxiliá-los, sempre que possível a crescerem ainda mais como bibliotecas.

A biblioteca comunitária é importante, como foi apontado anteriormente, em levar a comunidade a pensar criticamente e crescer intelectualmente. Tendo acesso à informação que a comunidade necessita, estas pessoas podem estar um passo mais próximas de mudar suas condições de vida e alcançar novos horizontes.

No futuro, esperamos que a visão da sociedade em relação às bibliotecas comunitárias melhore. Esperamos que sejam incluídas nas políticas públicas ou que cada vez mais delas se tornem Pontos de Cultura, para que possam receber ajuda, mas não serem de posse do governo. Esperamos que os bibliotecários ajudem estes lugares e seus voluntários, dando direção para o processamento técnico e a organização da biblioteca. Mas em primeiro lugar, esperamos maior atenção da área acadêmica para definir sua nomenclatura e suas características exaras, para que não haja mais confusão e este tipo de biblioteca seja visto como o tipo único de lugar que é. Não apenas como um desdobramento, junção ou outro nome para bibliotecas públicas, mas um espaço com sua própria identidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Bibliotecas públicas e bibliotecas alternativas**. Londrina: Editora UEL, 1997.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de; BORTOLIN, Sueli. Mediação da Informação e da Leitura. 2007 . In: II SEMINÁRIO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - UEL, Londrina, 2007. **Anais eletrônicos...** Disponível em: < <http://eprints.rclis.org/13269/> > Acesso em 14 de mar. de 2016.

AMORIM, Antônio Marcos. VERGUEIRO, Waldomiro. Consórcios de bibliotecas no Brasil: um desafio à democratização do conhecimento. **Perspect. ciênc. inf.**, Belo Horizonte, v. 11 n. 1, p. 32-47, jan./abr. 2006.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: Informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6024**: Informação e documentação: sumário: apresentação. Rio de Janeiro, 2012.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6027**: Informação e documentação: numeração progressiva das seções de um documento: apresentação. Rio de Janeiro, 2012.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6028**: Informação e documentação: resumo: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: Informação e documentação: citações em um documento: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724**: Informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2011.

BASTOS, Gustavo Grandini; ALMEIDA, Marco Antônio de; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Bibliotecas comunitárias: mapeando conceitos e analisando discursos.

Informação & Sociedade: Estudos, João Pessoa, v. 21, n. 3, p. 87-100, set./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000011699&dd1=1ca34>> Acesso em 21 de nov. de 2015.

BASTOS, G. G.; ROMÃO, L. M. S. A construção de bibliotecas comunitárias e o desejo de acessar: sentidos em movimento. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 4, ago. 2011. Disponível em: < http://www.dgz.org.br/ago11/Art_03.htm >. Acesso em: 25 nov. de 2015.

BIBLIVRE. 2014. Disponível em: < <http://biblivre.org.br/index.php> > Acesso em 22 de maio de 2016

BLANK, Cintia Kath; SARMENTO, Patrícia Souza. Bibliotecas comunitárias: uma revisão da literatura. **Biblionline**, João Pessoa, v. 6, n. 1, p. 142-148, jan./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000009193&dd1=15a94>> Acesso em 21 de nov. de 2015.

BRASIL. **Bibliotecas comunitárias e pontos de leitura**. Brasília, 2015. Disponível em: < <http://snbp.culturadigital.br/nossas-acoes/bcpl/> > Acesso em 22 de maio de 2016

BRASIL. **Pontos de Cultura**. Brasília, 2015. Disponível em: < <http://www.cultura.gov.br/pontos-de-cultura1>> Acesso em 22 de maio de 2016

BRECKENFELD, Maria Cristina Oliveira; PIMENTEL, Edna Maria Sitônio. Biblioteca Popular de Casa Amarela: Uma Experiência de Biblioteca Comunitária. **Cadernos de Biblioteconomia**, Recife, v. 6, n. 1, p. 9-14, jun. 1983. Disponível em: < <http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000003438&dd1=56feb> > Acesso em 25 de nov. de 2016.

CATRACALIVRE. **Jovens lideram biblioteca comunitária dentro de cemitério na periferia de SP**. São Paulo, 2015. Disponível em: < <https://catracalivre.com.br/geral/muito-mais-sao-paulo/indicacao/jovens-lideram-biblioteca-comunitaria-dentro-de-cemiterio-na-periferia-de-sp/> > Acesso em 22 de maio de 2016.

COMUNIDADE. In: MICHAELIS – Moderno dicionário da língua portuguesa online. São Paulo: Melhoramentos, 2016. Disponível em: <
<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=comunidade> > Acesso em 27 de fev. de 2016.

Cultura em números: anuário de estatísticas culturais 2010. Brasília: Minc, 2010. <
<http://www.marketingcultural.com.br/115/pdf/cultura-em-numeros-2010.pdf>> Acesso em 27 de fev. de 2016.

FREITAS, Sonia Marli Barbosa de. Os Serviços de Extensão das Bibliotecas como Apoio ao Processo Educativo das Comunidades. **BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, Rio Grande, v. 9, p. 139-147, 1997. Disponível em: <
<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000000023&dd1=9ffbd> > Acesso em 21 de nov. de 2015.

FREITAS, Thiago. **Pedreiro responsável pela biblioteca Visconde de Sabugosa muda a vida de jovens no Jardim Catarina**. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <
<http://extra.globo.com/noticias/rio/pedreiro-responsavel-pela-biblioteca-visconde-de-sabugosa-muda-vida-de-jovens-no-jardim-catarina-16325239.html> > Acesso em 22 de maio de 2016

G1. **Usuários reclamam de deterioração em bibliotecas públicas de Codó, MA**. Maranhão, 2016. Disponível em: <
<http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2016/03/usuarios-reclamam-de-deterioracao-em-bibliotecas-publicas-de-codo-ma.html>>. Acesso em: 22 maio 2016.

GUEDES, R. M. ; Bibliotecas comunitárias e espaços públicos de informação. In: MOURA, M. A.. (Org.). **Cultura informacional e liderança comunitária: concepções e práticas**. 1ed. Belo Horizonte: Proex/UFMG, p. 75-79, 2011. Disponível em: <
https://www.ufmg.br/proex/cpinfo/cultura/docs/11_Bibliotecas_comunitarias_-_Roger_Guedes.pdf > Acesso em 14 de mar. de 2016.

MACHADO, Elisa Campos. **Bibliotecas Comunitárias Como Prática Social No Brasil**. 2008. 184 f. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <
http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/USP_89d066d5292bfa967598803708fef967 > Acesso em 21 de nov. de 2015.

MACHADO, Elisa Campos. Uma discussão acerca do conceito de biblioteca comunitária. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, Campinas, v. 7, n. 1, p. 80-94, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000007426&dd1=0090e>> Acesso em 21 de nov. de 2015.

MACHADO, Elisa Campos; VERGUEIRO, Waldomiro. A prática da gestão participativa em espaços de acesso à informação: o caso das bibliotecas públicas e das bibliotecas comunitárias. **Revista Interamericana de Bibliotecología**, Medellín, v. 33, n. 1, p. 241–255, jan./jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.unal.edu.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-09762010000100010&lng=es&nrm=> Acesso em 28 de fev. de 2016.

MACHADO, Elisa Campos; VERGUEIRO, Waldomiro. Bibliotecas comunitarias en Brasil: dónde están, por qué y cómo fueron creadas. **Ibersid**, Zaragoza, v. 4, p. 145-151, 2010. Disponível em: <<http://www.iversid.eu/ojs/index.php/iversid/article/view/3809>> Acesso em 21 de nov. de 2015

NOGUEIRA, Maria Cecília Diniz. A realidade da biblioteca pública. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 12 n. 2, p. 205-212, set. 1983.

PAULA, Chico de. **A favor das bibliotecas escolares**. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: < <http://biblioo.info/a-favor-das-bibliotecas-escolares/> > Acesso em 22 de maio de 2016.

PRADO, Geraldo Moreira; MACHADO, Elisa Campos. Território de memória: fundamento para a caracterização da biblioteca comunitária. In: ENANCIB, 9., 2008, São Paulo. **Anais Digitais**. São Paulo: ANCIB, 2008. Disponível em: < <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/ixenancib/paper/viewFile/3032/2158> > Acesso em 16 de mar. de 2016.

PRADO, Geraldo Moreira. A biblioteca comunitária como agente de inclusão/integração do cidadão na sociedade da informação. **Inc. Soc.**, Brasília, DF, v. 3, n. 2, p.143-149, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/inclusao/index.php/inclusao/article/view/125>> Acesso em 21 de nov. de 2015

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Sistema municipal de bibliotecas**. São Paulo, 2015. Disponível em: <
<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/smb/index.php?p=1197> > Acesso em 22 de maio de 2016.

PROJETO BEM. Niterói, 2015. Disponível em: <
<http://projetobem.wix.com/projetobem> > Acesso em 22 de maio de 2016.

RAMOS, Carla Rossana Chianello. As políticas para a biblioteca, o livro e a leitura nos governos Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva: breve estudo comparativo. In: **Anais da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, v. 129, p. 57-82, 2009.

SANTOS, Maria José Veloso da Costa; SENNA, Ana Maria; MIRANDA, Maria de Fátima. Biblioteca comunitária escritor Lima Barreto: espaço para práticas de mudanças sociais. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 4, n. 3, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000009598&dd1=a883d>> Acesso em 21 de nov. de 2015.

ANEXO 1

Termo de Anuência

O CIEP Ruy Frazão Soares está de acordo com a execução do projeto de pesquisa "A importância da biblioteca comunitária no século XXI" que se trata de um trabalho de conclusão de curso realizado pela aluna Carolina Canelas Gomes de RG nº 27.041.735-5 e cpf nº 160.652.257-46, sob orientação da Profª Mª. Daniele Achilles Dutra da Rosa do Departamento de Estudos e Processos Biblioteconômicos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e, assume o compromisso de consentir a descrição dos dados referentes à instituição, bem como apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa nesta instituição durante o primeiro semestre de 2016.

Rio de Janeiro, ____ de abril de 2016.

Nome do responsável pela instituição

MARY LUCE BRANDÃO RIOS

Cargo do responsável pelo consentimento

DIREÇÃO GERAL

Carimbo com identificação de matrícula e cnpj

Mary Luce Brandão Rios
Diretor Geral
Mat. 09492240
Id 4347337-7

Assinatura



CIEP 448 RUY FRAZÃO SOARES
Estrada Engenho do Mato, S/Nº
Eng. do Mato - Niterói - RJ
Decreto nº 18689 de 26/05/93.

ANEXO 2



Foto 1 – Muro lateral da biblioteca antes da grafiteagem
Fonte: Sérgio Odilon



Foto 2 – Muro lateral durante a grafiteagem
Fonte: Sérgio Odilon



Foto 3 – Vista da frente da BEM
Fonte: Sérgio Odilon

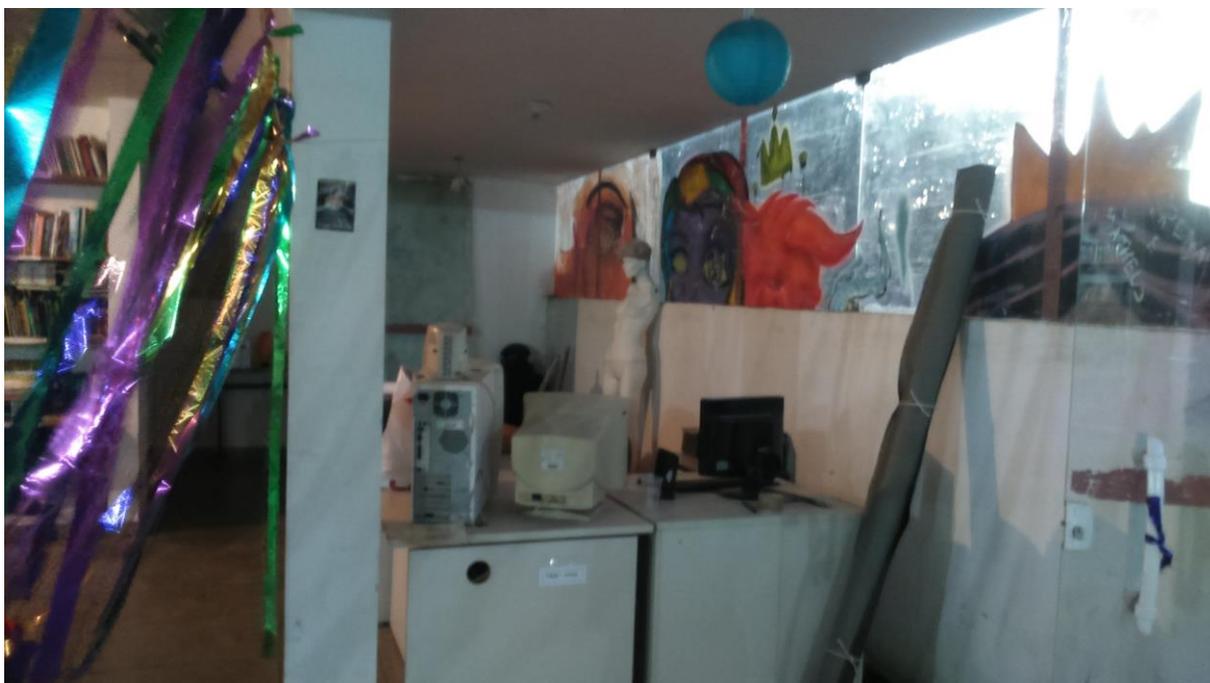


Foto 4 – Vista da área de atendimento ao usuário
Fonte: A autora



Foto 5 – Estante (atenção na forma básica de organização por assunto)
Fonte: A autora



Foto 6 – Vista do lado esquerdo da biblioteca
Fonte: A autora



Foto 7 – Fundos da biblioteca com os livros que não cabem no salão
Fonte: A autora



Foto 8 – Vista do lado direito da biblioteca
Fonte: A autora



Foto 9 – Preparação para a Roda Cultural do dia 16 de abril de 2016
Fonte: Sérgio Odilon

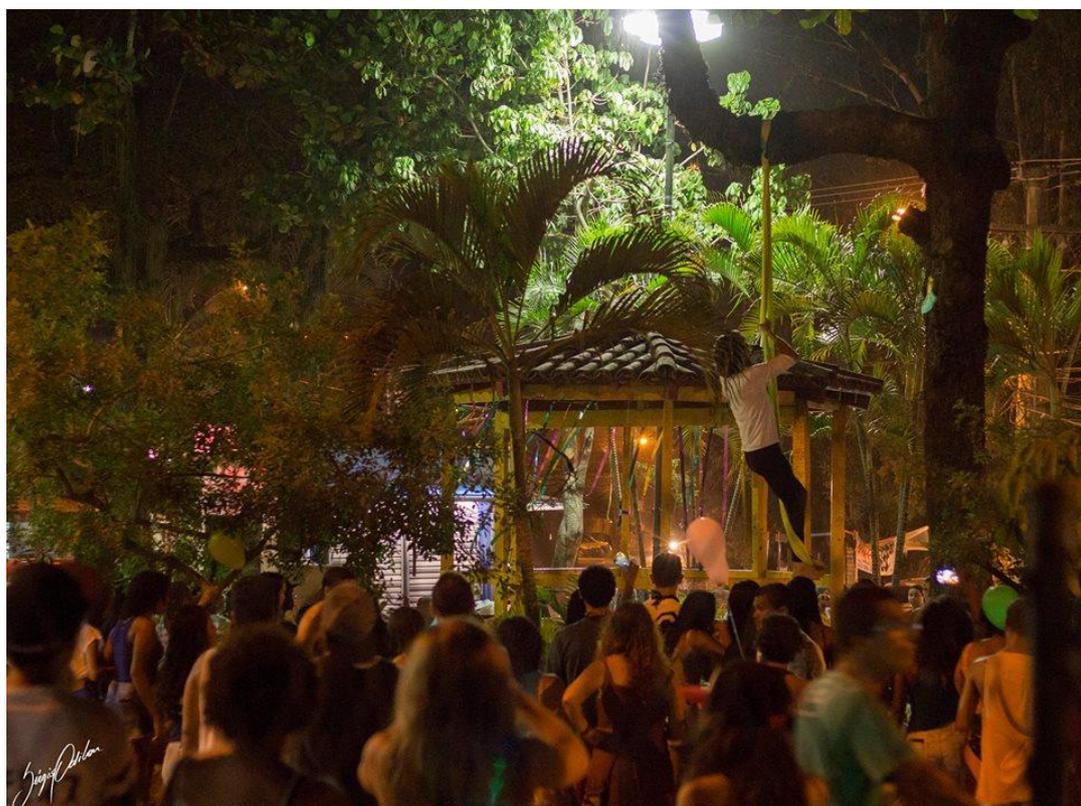


Foto 10 – Apresentação na Roda Cultural do dia 16 de abril de 2016
Fonte: Sérgio Odilon



Foto 11 – Apresentação de dança na Roda Cultural do dia 16 de abril de 2016
Fonte: Sérgio Odilon